

OBEDECER	obedecer algo/alguém	obedecer a algo/alguém
PAGAR	pagar alguém	pagar a alguém
PEDIR	pedir a alguém para + infinitivo pedir a alguém para que + subjuntivo	pedir a alguém que + subjuntivo
PERDOAR	perdoar algo/alguém	perdoar a alguém
PERGUNTAR	perguntar a alguém de / por / sobre algo/alguém	perguntar a alguém por algo/alguém
PREFERIR	preferir algo ₁ [mais] do que algo ₂	preferir algo ₁ a algo ₂
RESPONDER	responder algo/alguém; responder a alguém	responder a algo/alguém
SATISFAZER	satisfazer algo/alguém	satisfazer a algo/alguém
SOBRESSAIR	sobressair-se em / de / entre / dentre algo/alguém	sobressair em / de / entre / dentre algo/alguém
SUCEDER	sucedder alguém ('substituir')	sucedder a alguém
VIR	vir em / a algum lugar	vir a algum lugar
VISAR	visar algo ('mirar' [+concreto], [+abstrato])	visar algo ('mirar' [+concreto]) visar a algo ('mirar' [+abstrato])

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

As regências tradicionais devem ser explicadas à medida que aparecerem nos textos autênticos lidos e trabalhados em sala de aula. É perda de tempo querer forçar os estudantes a aprender regências em franca obsolescência e que já têm sido amplamente substituídas, mesmo nos GTM, pelas regências inovadoras.

22.1.3 Verbos irregulares

Os verbos irregulares, precisamente por não se enquadrarem nos paradigmas mais comuns, devem ser objeto de ensino explícito em sala de aula:

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

dar → dou; dera; der
 dizer → digo, diz; direi; diria; disse; dizia; disser; dito
 estar → estou, está; estive; esteja, estiver
 fazer → faço, faz; fiz; farei; faria; fizer; feito
 haver → hei, há; houve; havido
 ir → vou, vai; fui, foi; vá; fosse; for
 ouvir → ouço, ouça
 pedir → peço, peça

poder	→ posso, pode; pude, pôde; puder
pôr	→ ponho, põe; pus, pôs; punha; puser; posto
querer	→ quer; quis; queira; quiser
saber	→ sei; soube; souber; saiba
sentir	→ sinto, sinta
ser	→ sou, é; fui, foi; era; fora; seja; fosse; for
ter	→ tenho, tem; tive, teve; tinha; tiver
trazer	→ trago, traz; trouxe; trarei; traria; trazido
ver	→ vejo, vê; visse; visto; FUTURO DO SUBJUNTIVO: ver ou vir
vir	→ venho, vem, vimos; vim, veio; vinha; vier; vindo

22.1.4 Subjuntivo

Ao estudar o modo subjuntivo [►565], vimos que ele é, de fato, morfologicamente redundante, uma vez que a semântica do verbo da sentença matriz já explicita o caráter de desejo, vontade, dúvida, hesitação etc. No entanto, o emprego adequado do subjuntivo é muito vivo nos GTM, de modo que temos de levar nossos alunos a se apoderarem dele.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

Apesar dessa redundância e da tendência crescente ao abandono dessas formas verbais, o subjuntivo ainda apresenta grande vitalidade nos gêneros textuais mais monitorados, servindo mesmo como marca de avaliação do uso eficiente da língua, sobretudo na escrita mais monitorada. Por isso, é importante ensinar as formas e os empregos do subjuntivo para um alunado que, em sua ampla maioria, não domina com segurança esse modo verbal. Esse ensino, evidentemente, não se faz pela memorização de paradigmas de conjugação, mas sempre pela reflexão sobre o uso que se faz desse modo em textos autênticos. Cabe dar ênfase sobretudo aos verbos irregulares — ser, ter, fazer, dizer, saber, haver, ver, ir, vir, dar, querer, poder, estar —, que são irregulares justamente por serem os mais empregados da língua.

22.1.5 Imperativo

No caso do modo imperativo [►566], nada justifica insistir no ensino explícito e na cobrança de formas que não correspondem a nenhuma das variedades do PB, nem mesmo em seus usos escritos mais monitorados. Aqui, mais uma vez, as formas da norma-padrão devem ser discutidas quando e se aparecerem em textos autênticos trabalhados em sala de aula.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

As formas da 1ª pessoa do plural — falemos / não falemos — e as formas da 2ª do plural — falem / não falem — não pertencem, de modo geral, ao vernáculo brasileiro mais amplo. Por isso devem ser objeto de ensino explícito. Quanto às demais formas e pessoas, cada variedade linguística do PB tem seus próprios usos do imperativo e não há motivo algum para condená-los ou querer substituí-los por um imperativo falso e contraintuitivo.

22.1.6 Tempos verbais menos usuais

Em [►579] discutimos a existência de diversos tempos verbais (ou de formas que esses tempos assumem) que só ocorrem em gêneros textuais mais monitorados. Justamente por isso, eles devem ser ensinados, sempre com base em textos autênticos e na análise desses textos.

O QUE NÃO É PRECISO ENSINAR (TODO MUNDO JÁ FALA ASSIM)	O QUE É PRECISO ENSINAR (QUASE NINGUÉM FALA ASSIM)	O QUE NÃO SE DEVE ENSINAR (HIPERCORREÇÕES)
mais-que-perf. composto <i>tinha falado</i>	mais-que-perf. comp./simples <i>havia falado / falara</i>	As formas compostas <i>irei falar</i> e <i>iria falar</i> são frutos da hipercorreção. Considerando a forma <i>falarei</i> muito “pedante” e a forma composta <i>vou falar</i> muito “informal”, muitas pessoas adotam uma solução de compromisso: conjugam o auxiliar no futuro simples (<i>irei</i>) exagerando a ideia de futuro que já está desde sempre implicada na semântica do verbo <i>ir</i> (todo deslocamento no espaço, toda ida, é também um deslocamento no tempo). Se localizadas nos textos usados em sala de aula, convém explicar do que se trata.
futuro do pres. composto <i>vou falar</i>	futuro do pres. simples <i>falarei</i>	
futuro do pret. composto <i>ia falar</i>	futuro do pret. simples <i>falaria</i>	
imperfeito [+hipotético] (<i>se pudesse...</i>) <i>falava</i>	condicional (<i>se pudesse...</i>) <i>falaria</i>	
apresentacional <i>tem, tinha, teve...</i>	apresentacional <i>há, havia, houve...</i>	

22.1.7 Voz passiva “sintética”

A existência da voz passiva sintética, como examinamos [►803], vem sendo discutida e francamente negada pela filologia e pela linguística brasileira há mais de cem anos. Já passou da hora, portanto, de assumir de vez nas gramáticas e na pedagogia de língua materna aquilo que os falantes já assumiram tranquilamente em sua fala e em sua escrita: a voz passiva no PB só existe na forma analítica. A ideia de uma “passiva sintética” ou “passiva pronominal” é resultante de um equívoco de análise

dos gramáticos antigos, que extrapolaram a função reflexiva do *se* para contextos em que ela não tinha cabimento.

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

É inútil, até porque irracional, exigir que os estudantes aprendam a fazer uma concordância que não tem lógica pragmático-semântico-discursiva: a concordância de um verbo com o seu objeto direto, como em *aqui se fazem docinhos ótimos*. Não se trata de passividade: existe um sujeito explícito, *se*, semanticamente indeterminado, agente de um verbo transitivo direto, *fazer*, cujo objeto é *uns docinhos ótimos*. Desse modo, o correto é: *aqui se faz uns docinhos ótimos*. É mais do que provável que, em textos lidos e trabalhados em sala de aula, apareça a concordância preconizada pela TGP. Diante dela, a professora deve explicar a origem dessa concordância indevida e por que a linguística moderna rejeita a análise tradicional. É preciso enfatizar que, em muitas ocasiões, a concordância indevida rompe com a coesão e a coerência do texto.

22.1.8 Verbos causativos e sensitivos

Os verbos causativos e sensitivos [►594] apresentam no PB uma construção sintática exclusiva da nossa língua: o emprego de índices pessoais/não-pessoais do caso reto como sujeito do segundo verbo. Esse emprego já está de tal modo cristalizado, mesmo em GTM, que só podemos reivindicar que ele seja considerado tão válido e correto quanto o emprego previsto pela TGP.

O QUE NÃO É PRECISO ENSINAR (TODO MUNDO JÁ FALA ASSIM)

deixa eu entrar
vi ele chegar
espere eu terminar
mandei ela sair
faça ele se desculpar

O QUE É PRECISO ENSINAR (POUCOS FALAM ASSIM NORMALMENTE)

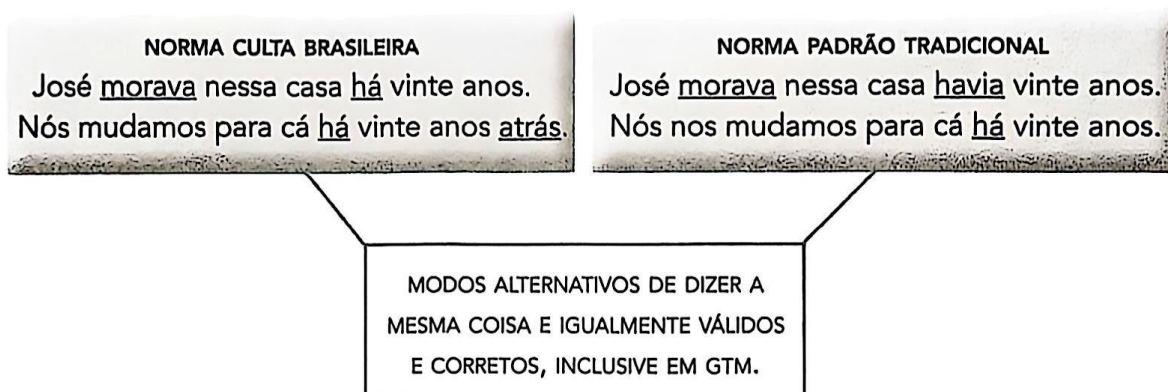
deixe-me entrar
vi-o chegar
espere que eu termine
mandei-a sair
faça-o desculpar-se

MODOS ALTERNATIVOS DE DIZER A
MESMA COISA E IGUALMENTE VÁLIDOS
E CORRETOS, INCLUSIVE EM GTM.

22.1.9 Uso adverbial de haver

As radicais transformações sofridas pelo verbo *haver* levaram ele a se gramaticalizar como advérbio na expressão de tempo passado. Com isso, ele se tornou invariável e

dispensado de estabelecer correlação temporal com os demais verbos do enunciado. Além disso, é perfeitamente correto o emprego do advérbio *atrás* para reforçar a ideia de passado expressa por *haver*.



O QUE É PRECISO ENSINAR NA ESCOLA

1. A não conjugação de *haver* no plural quando é verbo apresentacional:

▮ *há problemas, havia problemas, houve problemas, haverá problemas, tem havido problemas, tinha havido problemas etc.*

O mesmo valer para *ter* apresentacional (*tem problemas, tinha problemas, teve problemas etc.*).

2. As diferenças ortográficas entre *a* e *há*:

▮ *daqui a cem anos → futuro*

▮ *daqui a dez quilômetros → distância*

▮ *o templo remonta a 1567 → regência de remontar*

▮ *estamos aqui há três horas → ação iniciada no passado e que prossegue no presente*

▮ *estivemos aqui há três horas atrás → ação iniciada no passado e concluída no passado*

22.1.10 Verbos apresentacionais e concordância

Os verbos apresentacionais [►620] se caracterizam por não exercerem predicação e por apresentarem sintagmas nominais no caso absolutivo. A TGP, no entanto, por servidão etimologizante, considera que com os verbos *ter*, *fazer* e *haver* o sintagma nominal é acusativo (objeto direto), enquanto com os verbos *ser*, *estar*, *ficar* e *existir* o sintagma nominal é nominativo (sujeito). A desobediência a essas regras (por mais lógica que seja) é usada como forma de discriminação por parte dos falantes urbanos mais letrados contra seus concidadãos menos letrados, daí a importância de ensinar explicitamente essas regras.

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

Passado quase um século da publicação (1925) do poema "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade ("No meio do caminho tinha uma pedra..."), é pura irracionalidade conservadora condenar os usos do verbo *ter* como apresentacional, equivalente a *haver* ou *existir*. Esse uso remonta ao português medieval, e se os portugueses o abandonaram, foi uma opção deles, que não nos diz respeito. Brasileiros e africanos empregam há meio milênio o verbo *ter* apresentacional porque herdaram esse uso da língua que foi levada pelos colonizadores às terras que invadiram e conquistaram.

O uso de *ter* por *haver* é perfeitamente legítimo e lícito, mesmo em textos configurados como GTM. O importante é perceber quando esse uso pode gerar ambiguidade de interpretação (quando *tem* ou *tinha*, por exemplo, pode ser atribuído a um sujeito na não-pessoa do singular), caso em que é preferível usar *haver* ou *existir*. Como o verbo *haver* não faz parte praticamente mais do vernáculo geral brasileiro, seu emprego e sua conjugação têm de ser explicitamente ensinados em sala de aula, mas nunca como a única forma correta de construir sentenças apresentacionais.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

1. Com os verbos apresentacionais *ser*, *estar*, *ficar*, *existir* é preciso que o verbo concorde com o sintagma nominal considerado como sujeito pela TGP:

- ☐ somos nós agora?
- ☐ quem manda aqui sou eu!
- ☐ são vocês os primos do Valdir?
- ☐ estão na cristaleira as taças de vinho
- ☐ onde ficam os toaletes, por favor?
- ☐ ainda existem ingressos para o balé?

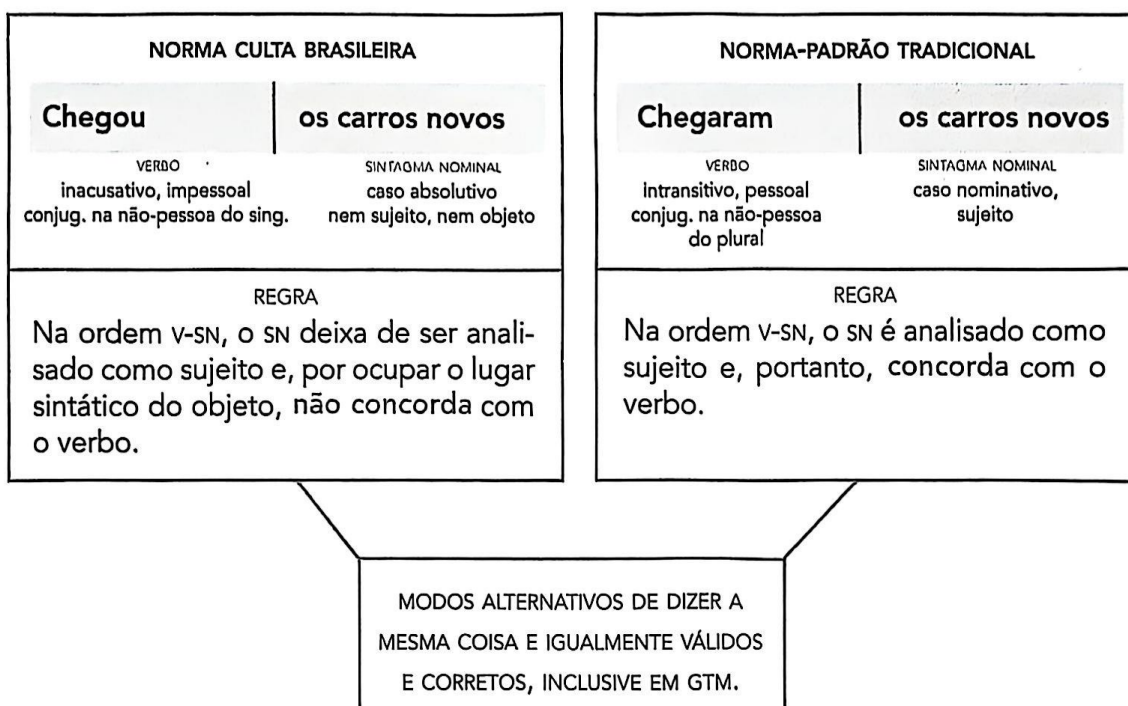
2. Com os verbos apresentacionais *ter*, *haver*, *fazer* não se faz concordância do verbo com o sintagma nominal classificado como objeto pela TGP:

- ☐ faz dez anos que não viajo para a Bahia
- ☐ teve muitas pessoas que não concordaram com as novas regras
- ☐ havia quatrocentos candidatos para duas vagas de gerente

3. É muito frequente que esses verbos apresentacionais venham antes dos sintagmas nominais que apresentam. Por isso, é importante enfatizar os casos de concordância e os de não-concordância.

22.1.11 Verbos inacusativos e concordância

O fenômeno da transformação de verbos inacusativos em verbos acusativos [►630], já ocorrida e implantada no PB, nos obriga a reconhecer que na ordem verbo+sintagma nominal, esse sintagma deixou de ser analisado como sujeito para ser interpretado como um absoluto.



22.1.12 Concordância verbal: a ilusão da “regra geral”

A concordância verbal [►648] é fenômeno dos mais estudados em nossa língua. Já se provou e comprovou que (i) não existe ninguém que faça todas as concordâncias previstas pela TGP, nem mesmo em textos escritos altamente monitorados, (ii) há mais regras de concordância do que as previstas pela TGP e (iii) as regras de concordância previstas pela TGP dependem dos usos dos escritores consagrados e, mesmo assim, só dos usos que os filólogos consideram “exemplares”.

Temos consciência de que a concordância verbal (e nominal) é o fenômeno linguístico mais empregado para a discriminação dos falantes menos letrados. Por isso, é importante prestar muita atenção a ela. No entanto, é preciso lembrar que a célebre “regra geral” enunciada pela tradição gramatical (“o verbo concorda com o sujeito”) não é uma análise adequada do fenômeno da concordância por dois motivos [►648]: (i) sendo o verbo o núcleo de todo enunciado linguístico complexo, é ele que impõe suas propriedades aos demais constituintes da sentença, de modo que, na realidade, é o sujeito que deveria ser considerado como concordando com o verbo; (ii) no entanto, a concordância não se faz entre o sujeito e o verbo, nem entre o verbo e o sujeito, mas é provocada, isso sim, por traços morfossintáticos presentes em outros constituintes da sentença ou do texto.

Além disso, postulamos também que a concordância verbal é resultante de um processamento sociocognitivo dificilmente explicitável: a concordância verbal se faz frequentemente com algo que não está visível na materialidade do texto, mas que

decerto participou do processamento cognitivo do falante/escrevente no momento de falar/escrever.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

O que provoca a avaliação negativa imediata dos falantes mais letrados é a não-concordância entre sujeito e verbo quando esses constituintes estão nessa ordem e em contiguidade sintática, sem muita distância entre si:

▮ *Os meninos ainda querem sorvete*

▮ *Nós o tempo todo insistimos que era melhor não vir*

▮ *Só eles é que não sabiam do problema*

Assim, é nesses casos que deve incidir a correção explícita do docente sobre a produção falada e/ou escrita mais monitorada de seus alunos e suas alunas. Nos demais casos, como já ficou muito claro, os falantes urbanos mais letrados também empregam as regras de concordância de forma extremamente variável e em consonância com processamentos cognitivos cujos resultados não atraem a avaliação negativa.

22.1.13 Sujeito posposto e concordância

Quando se trata de sujeito posposto [►653], vimos que a tradição gramatical só admite o verbo no singular se esse sujeito, além de posposto, também for composto por nomes no singular. No entanto, já é regra firmada no PB a manutenção do verbo no singular com o sujeito posposto seja ele simples ou composto, no singular ou no plural.

NORMA CULTA BRASILEIRA	NORMA-PADRÃO TRADICIONAL
▮ Veio o vento e a chuva de uma vez só ▮ Veio os alunos e os pais reclamar da nova diretora ▮ Veio só os convidados do Pedro	▮ Veio o vento e a chuva de uma vez só. ▮ Vieram os alunos e os pais reclamar da nova diretora ▮ Vieram só os convidados do Pedro
REGRA	REGRA
Na ordem V-SN, o SN deixa de ser analisado como sujeito e, por ocupar o lugar sintático do objeto, não concorda com o verbo. A regra é a mesma para SNS formados por nomes no singular ou no plural ou mesmo por um único nome no plural.	Na ordem V-SN, o SN é analisado como sujeito e, portanto, concorda com o verbo. Se o sujeito vier posposto e for composto por mais de um nome no singular, o verbo pode vir expresso no singular.
MODOS ALTERNATIVOS DE DIZER A MESMA COISA E IGUALMENTE VÁLIDOS E CORRETOS, INCLUSIVE EM GTM.	

22.2 NOMES

22.2.1 Gênero dos substantivos

A questão do gênero dos substantivos foi examinada em [►692]. Sabemos que, assim como diversas palavras trocaram de gênero gramatical no decorrer da história, outras tantas passam pelo mesmo processo no PB contemporâneo. É preciso conviver tranquilamente, então, com o emprego igualmente válido dessas palavras nos dois gêneros.

SUBSTANTIVO	NORMA CULTA BRASILEIRA	NORMA-PADRÃO TRADICIONAL
AGUARDENTE	O AGUARDENTE	A AGUARDENTE
ALFACE	O ALFACE	A ALFACE
BACANAL	O BACANAL	A BACANAL
DÓ	A DÓ [SENTIMENTO]	O DÓ [SENTIMENTO]
FERRUGEM	A FERRUGEM / O FERRUGEM	A FERRUGEM
FRUTA-PÃO	A FRUTA-PÃO / O FRUTA-PÃO	A FRUTA-PÃO
GRAMA	A GRAMA [MEDIDA]	O GRAMA [MEDIDA]
TOMATE	O TOMATE / A TOMATE	O TOMATE



MODOS ALTERNATIVOS DE DIZER A MESMA COISA E IGUALMENTE VÁLIDOS
E CORRETOS, INCLUSIVE EM GTM.

22.2.2 Número da palavra óculos

Quanto ao número gramatical da palavra *óculos*, é perfeitamente lícito empregar tanto o singular — uso muito mais frequente no PB — quanto o plural.

22.2.3 Concordância nominal

No tocante à concordância nominal, vale o que foi dito acima para a concordância verbal. Como na sociedade brasileira a frequência de concordância (verbal e nominal) se transformou num instrumento de discriminação dos falantes que empregam menos marcas de concordância em sua fala, é preciso de saída tomar consciência de que esse uso menos frequente decorre de fatores sociocognitivos e nada tem a ver com ignorância, preguiça ou desmazelo. A prova disso é justamente o fato de que, em muitas línguas, as regras de concordância coincidem com as do PB menos moni-

torado, além, é claro de haver línguas com nenhuma concordância. Além do mais, como bem sabemos, ninguém faz todas as concordâncias previstas na gramática normativa. O que ocorre é que os falantes mais letrados fazem mais concordância, enquanto os falantes de menor escolarização fazem menos concordância.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

O que provoca a avaliação negativa imediata dos falantes mais letrados é a não-concordância de gênero e número quando os substantivos e adjetivos estão em contiguidade sintática, sem muita distância entre si.

❧ Os países mais ricos também são os mais frágeis diante de uma séria crise financeira

❧ As explicações dadas não foram consideradas satisfatórias

❧ As exigências não ficaram claras para a diretoria

Assim, é nesses casos que deve incidir a correção explícita do docente sobre a produção falada e/ou escrita mais monitorada de seus alunos e suas alunas. Nos demais casos, como já ficou muito claro, os falantes urbanos mais letrados também empregam as regras de concordância de forma extremamente variável e em consonância com processamentos cognitivos cujos resultados não atraem avaliação negativa.

22.3 VERBINOMINAIS

22.3.1 Particípios abundantes

Uma série de verbos em português recebem da TGP o nome de verbos abundantes. A abundância, no caso, se refere aos particípios passados: dois ou, raramente, três. Os mais conhecidos e frequentes são os seguintes:

INFINITIVO	PART. REGULAR	PART. IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito / aceite
acender	acendido	aceso
assentar	assentado	assente / assento
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso

extinguir	extinguido	extinto
fartar	fartado	farto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
pagar	pagado	pago
pasmar	pasmado	pasmo
pegar	pegado	pego ([e] ou [ɛ])
prender	prendido	preso
revolver	revolvido	revolto
salvar	salvado	salvo
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

O uso fez o particípio regular permanecer com o traço categorial /+verbo/, enquanto o particípio irregular assumiu de vez o traço /+nome/, sendo empregado predominantemente como adjetivo. Assim, o emprego de uma ou outra forma vai ser condicionado, principalmente, pelo auxiliar:

+ verbo	+ adjetivo
auxiliar: TER / HAVER voz: ATIVA particípio: REGULAR	auxiliar: SER / ESTAR / FICAR voz: PASSIVA particípio: IRREGULAR
Ana tem pagado seus impostos em dia. Dora havia gastado sua poupança naquela viagem. Rita tinha ganhado um bom dinheiro traduzindo. Até às 5 horas teremos imprimido as cópias. A empresa tem suspendido a compra de dólares.	Meus impostos foram pagos em dia. A poupança de Dora foi gasta na viagem. Esse dinheiro foi ganho com traduções. As cópias já estavam impressas às 4 horas. Ficam suspensas as compras de dólares.

Uma pista para identificarmos se um particípio passado antecedido de auxiliar é /+verbo/ ou /+nome/ é a flexão: quando é /+verbo/, ele não se flexiona (tenho comprado); quando é /+nome/ recebe marcas de gênero e número e pode sofrer derivação de grau (*estou acabada*; *ficamos emocionadíssimas*). Uma vez que os verbos que

atuam como auxiliares na formação da voz passiva também são verbos de ligação (ou copulativos), o nome que se segue a eles é um *predicativo* da mesma qualidade de *lindas* em *Júlia e Valentina são lindas*.

Sob pressão da hipercorreção, muitas pessoas acham que é mais “correto” empregar, nos tempos verbais compostos, somente os particípios irregulares. É preciso demonstrar que essa concepção é errônea e que usos como “tenho entregado”, “tinha pagado”, “tínhamos aceitado” são corretíssimos e até preferíveis quando o particípio é empregado como /+verbo/.

22.3.2 Para mim + *infinitivo*

No que diz respeito à construção para mim + infinitivo [►729], sabemos que, apesar de amplamente difundida no PB, inclusive entre falantes considerados cultos, ela é empregada também como critério para a avaliação negativa de quem a emprega.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

O emprego da forma reta eu nessas construções — para eu + infinitivo — deve ser explicitamente ensinado em sala de aula, para que os alunos dela se apoderem e reconheçam os valores sociais atribuídos a ela.

22.3.3 De + o + *sujeito de infinitivo*

Em [►733] vimos que a perseguição que os puristas dirigem à contração da preposição de com os determinantes que encabeçam o sujeito do infinitivo não faz nenhum sentido e é contestada até mesmo pelos gramáticos de perfil mais tradicional.

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

É perfeitamente lícito e legítimo empregar as formas do, da, dos, das, desse, dessa, desses, dessas etc. diante de um sujeito de infinitivo como em

- ▶ Antes do filme terminar a plateia começou a aplaudir
- ▶ O fato dele não ser brasileiro não impede sua contratação
- ▶ Saímos de casa já perto do sol nascer
- ▶ Só vou te emprestar a revista depois do avião decolar
- ▶ Chegou a hora desse menino ir para a cama

Não tem cabimento tentar ensinar uma regra que contraria os usos da ampla maioria dos brasileiros, inclusive dos altamente letrados. A ocorrência da preposição não contraída com o determinante (*antes de o filme começar*), quando aparecer em textos lidos e trabalhados em sala de aula, deve ser explicada pela professora, sem no entanto ser imposta aos alunos como único modo correto de construir essas expressões.

22.4 ÍNDICES DE PESSOA

22.4.1 Primeira e segunda pessoas

Nas variedades urbanas de prestígio do PB, o quadro de índices da 1ª pessoa é o seguinte [►743]:

INDICADORES DA 1ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO CONTEMPORÂNEO									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEMENTO OBLÍQUO	
sing.	plural	sing.	plur.	singular	plural	sing.	plur.	singular	plural
EU ME*	NÓS A GENTE	ME	NOS	ME A MIM PARA MIM	NOS A NÓS PARA NÓS À GENTE PARA A GENTE	ME	NOS	MIM (COMIGO)	NÓS (CONOSCO) A GENTE

[(*)]: ME é sujeito nas construções com verbos causativos-sensitivos previstas pela norma-padrão tradicional (*deixe-me entrar*)

Para a expressão da 2ª pessoa [►746] temos:

INDICADORES DA 2ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO CONTEMPORÂNEO									
<i>discurso –monitorado</i>									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEM. OBLÍQUO	
sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.
VOCÊ OCÊ CÊ TU TE*	VOCÊS OCÊS CÊS	TE LHE O/A/OS/AS VOCÊ OCÊ	VOCÊS OCÊS O/A/OS/AS	TE LHE PRA/A VOCÊ PROCÊ	PRA/A VOCÊS PROCÊS	SE TE	SE	VOCÊ OCÊ TI (CONTIGO)	VOCÊS OCÊS
<i>discurso +monitorado</i>									
O SR. A SRA.	VOCÊS OS SRS. AS SRAS.	O SR. A SRA. O/A/OS/AS LHE TE	VOCÊS OS SRS. AS SRAS. O/A/OS/AS	PARA/AO SR. PARA/À SRA. LHE TE	PARA/A VOCÊS PARA/AOS SRS. PARA/ÀS SRAS.	SE	SE	O SR. A SRA.	VOCÊS OS SRS. AS SRAS.

[(*)] TE é sujeito nas construções com verbos causativos-sensitivos previstas pela norma-padrão tradicional (*não te vi chegar*)

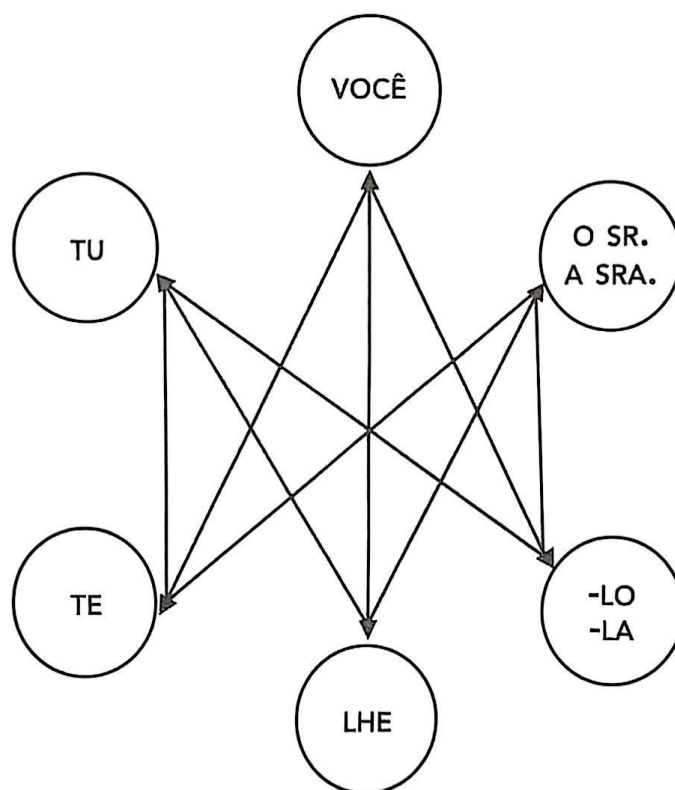
O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

1. O índice de pessoa vós e suas variantes morfossintáticas (vos, vosso) não são empregados em nenhuma variedade falada do PB e só ocorrem em textos escritos tradicionais (orações, hinos etc.). O emprego do possessivo vosso com referência a vocês ou a o sr./a sra., os srs./as sras. é uma hipercorreção que, como tal, deve ser evitada.

2. Tentar ensinar que a forma *lhe* só pode ser empregada como objeto indireto é negar testemunhos históricos que remontam à fase arcaica da língua e se prolongam até os dias de hoje. Somente um apego irracional à gramática latina pode explicar a condenação desse emprego, que em espanhol já se consagrou definitivamente na tradição normativa dessa língua. Tanto na expressão do objeto direto e/ou indireto da 2ª pessoa quanto na da não-pessoa, a forma *lhe* é perfeitamente legítima. Seu uso, como sabemos, é característico de algumas variedades regionais, como as do Norte e Nordeste, enquanto em outras (Minas Gerais e São Paulo, por exemplo) o *lhe* é rarissimamente usado na língua falada, embora apareça em GTM.

22.4.2 A falácia da “mistura de tratamento”

No que diz respeito às relações entre os índices de 2ª pessoa, os empregos generalizados das formas umas com relações às outras é corrente no PB, inclusive em suas variedades urbanas faladas e escritas. A noção de “mistura de tratamento” não tem fundamentação científica. O que de fato ocorreu no PB foi uma reorganização do quadro de pronomes e índices pessoais [►755].



22.4.3 Sintaxe dos clíticos no PB

O velho e infrutífero debate sobre a chamada “colocação pronominal” [►760] deve ser abandonado em favor de uma postura mais realista diante do que de fato é a gramática do PB contemporâneo.

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

1. As diversas regras e sub-regras previstas pela tradição gramatical para a sintaxe dos clíticos devem ser abandonadas em favor da regra única que vigora no PB:

REGRA ÚNICA DA SINTAXE DOS CLÍTICOS NO PB

○ CLÍTICO VEM SEMPRE ANTEPOSTO AO VERBO PRINCIPAL

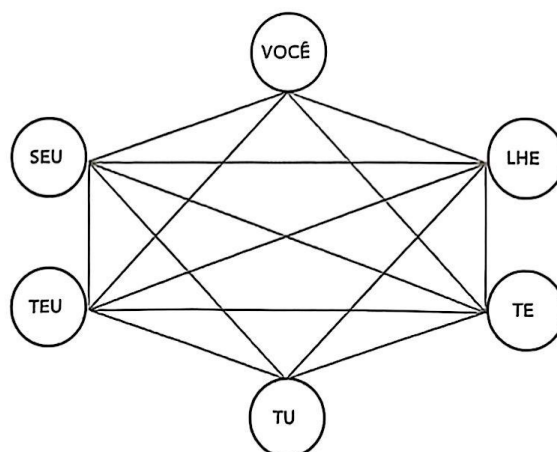
2. Os demais usos previstos pela TGP (a falácia da ênclise como "regra geral" e a suposta obrigatoriedade da mesóclise), quando ocorrerem em textos autênticos lidos e trabalhados em sala de aula, devem ser explicitados e explicados pela professora, mas não como supostas formas mais "corretas" de colocação dos clíticos.
3. A perseguição purista à próclise absoluta, isto é, ao uso de clíticos em início de frase, deve ser denunciada e combatida como uma prescrição irracional que bate de frente com a intuição gramatical de todos os falantes do PB. É perfeitamente correto e legítimo iniciar frase com clíticos no PB, tal como ocorre em espanhol e italiano.

Por isso, a educação linguística tem que reconhecer os usos autênticos que os brasileiros fazem dos clíticos:

REGRA ÚNICA	AMBIENTE SINTÁTICO	EXEMPLO
NO PB OS CLÍTICOS SE POSICIONAM SEMPRE ANTES DO VERBO PRINCIPAL (PRÓCLISE).	INÍCIO DE FRASE	Me incomoda muito o comportamento de Ana.
	AUX + INFINITIVO	Ana disse que pode te ajudar.
	AUX + PART PASS	Ana tem nos ajudado bastante.
	AUX + GERÚNDIO	Ana estava te procurando.
	AUX PART PASS	Ana tinha chegado cedo de manhã e me telefonado.
	IMPERATIVO	Se vire para eu ver como ficou a saia!

22.4.4 Possessivos da 2ª pessoa

No PB, os possessivos referentes à 2ª pessoa [►770] se entrecruzam da seguinte forma:



A concorrência e a coocorrência de tu e você no discurso de um mesmo falante permitem esse entrecruzamento de possessivos, que nada tem que ver com a chamada “mistura de tratamento”, noção que já repelimos.

22.5 MOSTRATIVOS

22.5.1 *Demonstrativos*

O emprego dos demonstrativos jamais seguiu as prescrições que muitos puristas tentam impor — e a própria tradição normativa afirma isso explicitamente [►792]. O quadro teórico dos demonstrativos não corresponde ao quadro de usos efetivos no PB:

PESSOA	QUADRO TEÓRICO	QUADRO DE USOS REAIS
1ª	este(s) / esta(s) / isto	esse(s) / essa(s) / isso ... aqui
2ª	esse(s) / essa(s) / isso	esse(s) / essa(s) / isso ... aí
NP	aquele(s) / aquela(s) / aquilo	aquele(s) / aquela(s) / aquilo ... ali

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

É perda de tempo tentar inculcar nos aprendizes uma diferença entre *esse* e *este*, que não existe na língua e que não é rigorosamente seguida nem sequer pelos que produzem gêneros escritos mais monitorados. Mais uma vez repetimos: se a função da escola é ensinar o que a pessoa não sabe, cabe, sim, apresentar os demonstrativos com *-st-*, mas explicando que, muito tempo atrás na língua, eles só eram aplicados aos objetos próximos da pessoa que fala e que a repartição clássica em três séries de demonstrativos se reduziu — como na maioria das línguas — a duas: uma para o que está próximo, outra para o que está distante. Para realçar o que está mais próximo da 1ª pessoa e mais próximo da 2ª, usamos os advérbios de lugar *aqui* e *aí*. Uma boa sugestão é coletar textos escritos, por exemplo, em jornais e revistas e ver como se dá ali o uso dos demonstrativos.

22.5.2 *Não-pessoa do discurso*

A não-pessoa do discurso é aquela que a tradição chama de “3ª pessoa” e que, como examinamos [►462], apresenta um comportamento sintático-semântico-pragmático radicalmente distinto do das verdadeiras pessoas do discurso (*eu* e *tu/você*). Seu paradigma atual no PB é o seguinte:

PRONOMES DA NÃO-PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJ. INDIRETO		REFLEX.	COMPL. OBLÍQUO		
<i>sing</i>	<i>plur</i>	<i>sing</i>	<i>plur</i>	<i>sing</i>	<i>plur</i>	<i>sg / pl</i>	<i>singular</i>	<i>plural</i>	
ELE	ELES	ELE	ELES	A/PARA ELE	A/PARA ELES	SE	ELE	ELES	
ELA	ELAS	ELA	ELAS	A/PARA ELA	A/PARA ELAS		ELA	ELAS	
SE		O	OS	LHE	LHES		SI	SI	
		A	AS				(CONSIGO)	(CONSIGO)	
		Ø	Ø						
		LHE							

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

1. É tarefa da educação linguística o ensino sistemático dos clíticos *o/a/os/as*, como algo praticamente "estrangeiro" para os falantes do PB contemporâneo. É importante chamar a atenção para os gêneros textuais em que eles ocorrem, mostrar aos alunos o mecanismo da retomada anafórica, de modo que saibam recuperar, no texto, a informação pronominalizada na forma de *o/a/os/as*. A importância do gênero textual é óbvia: numa história em quadrinhos, sobretudo as que reproduzem a vida urbana contemporânea, o uso dos clíticos é pouquíssimo adequado, a menos que se trate de uma caricatura, de um personagem pedante.
2. Não tem cabimento, por outro lado, reprimir o uso de *ele*-objeto direto: na interação falada, é desperdício de esforço tentar extirpá-lo; na escrita, é preciso examinar os gêneros em que ele costuma aparecer, em que circunstâncias (na fala dos personagens ou na enunciação do narrador?), em que contextos etc.
3. O uso de *lhe* como objeto direto (tanto quanto indireto) é perfeitamente legítimo e correto.

22.5.3 O pronome *se*

O pronome *se* tem sido há muito tempo vítima de análises equivocadas por parte da TGP, que se recusa a ver nele o que ele de fato é [►803].

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

Cem anos de estudos filológicos e linguísticos já demonstraram que não existem as categorias morfosintáticas de "partícula apassivadora" nem de "índice de indeterminação do sujeito", improvisadas pela tradição gramatical para tentar fugir da óbvia propriedade do pronome *se* de exercer a função de sujeito semanticamente indeterminado. A esse pronome cabem algumas das mesmas funções dos demais pronomes da língua: sujeito, objeto direto, objeto indireto e complemento oblíquo (na forma *si*). Além disso, uma vez que não existe voz passiva pronominal (ou sintética) no PB, a classificação de "partícula apassivadora" é inteiramente descabida, tanto quanto a prescrição de fazer uma concordância entre verbo e objeto direto ("aqui se tiram fotocópias"), incompatível com a gramática da nossa língua.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

O pronome *se* tem as seguintes propriedades sintáticas e semânticas:

1. É um pronome-sujeito, semanticamente indeterminado, em construções na voz ativa como:
 - ▶ *No México se come muito bem!*
 - ▶ *No México se come frutas e verduras desconhecidas no Brasil.*
 - ▶ *Nossa firma foi eleita o melhor lugar para se trabalhar em Salvador.*
 - ▶ *Foi uma decisão difícil de se tomar.*
2. É um pronome-objeto referente à não-pessoa, em construções na voz reflexiva (ou pseudorreflexiva) como:
 - ▶ *Ana se sentou para descansar e acabou dormindo na cadeira.*
 - ▶ *Ana e Sueli se adoram, vivem se telefonando o dia inteiro.*
 - ▶ *Ana se esqueceu de avisar que não vinha mais jantar com a gente.*

22.6 ADVÉRBIOS

22.6.1 Advérbios flexionáveis

Os advérbios guardam íntima relação com os adjetivos. Por isso, alguns advérbios admitem flexão de gênero (e, antigamente, de número).

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

1. É esforço fadado ao fracasso perseguir e condenar o uso no feminino dos advérbios *meio* e *tudo*. Esse uso está registrado na língua há séculos, inclusive nas obras dos maiores escritores da língua. É perfeitamente legítimo e correto falar e escrever
 - ▶ *Ana está meia arrependida da decisão que tomou.*
 - ▶ *Ana chegou do passeio toda queimada de sol.*
2. Por outro lado, a flexão de *menos* no feminino ("menas") não é aceita pelos falantes urbanos mais letrados, que fizeram dela um estereótipo para rotular os que "não sabem falar direito". Cabe, portanto, na escola, alertar os alunos acerca das consequências sociais do emprego de "menas".

22.7 PREPOSIÇÕES

Existem bem mais preposições [►857] do que aquelas listadas tradicionalmente nas gramáticas normativas.

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

A lista de preposições que muitas pessoas decoraram em seu processo de escolarização deve ser imediatamente abandonada. Ela não engloba todas as preposições usadas no PB e, além disso, contém preposições em desuso (*ante*, *trás*). Além disso, ninguém aprende nada decorando uma lista vazia de sentido. Os dicionários de referência apresentam, ao todo, mais de 40 preposições. Como sempre, não é tão

importante saber a que classe pertence essa ou aquela palavra — até porque já sabemos que as palavras são multifuncionais e podem se encaixar em diversas classes ao mesmo tempo —, mas a sua função na construção de um enunciado bem formado, sobretudo em textos escritos mais monitorados.

Das muitas palavras que podem exercer o papel de preposição, sabemos que as mais prototípicas são *a*, *com*, *de*, *em*, *por* e *para*.

22.7.1 *Preposição a*

Sabemos que a preposição *a* é de uso muito restrito no PB falado atual, tendo cedido muito de seu terreno à preposição *para* nas construções dativas e à preposição *em* na regência de verbos que expressam movimento e direção.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

1. Justamente por seu uso cada vez mais restrito, é função da educação linguística ensinar explicitamente o emprego da preposição *a* na regência de muitos verbos de uso quase exclusivo em gêneros textuais mais monitorados: *apresentar(-se) a*, *referir(-se) a*, *eleva(-se) a*, *dirigir(-se) a*, *capacitar(-se) a* etc.
2. Também é incontornável o ensino sistemático do emprego do acento indicador de crase, uma vez que se trata de uma regra ortográfica sem correspondência acústica na fonética do PB. Esse ensino só terá sucesso se for empreendido com base em usos de textos autênticos e por meio da pesquisa e da dedução das regras [►871].

22.7.2 *Preposição entre*

A preposição *entre*, por ser pouco gramaticalizada e funcionar quase como um advérbio, pode reger pronomes do caso reto [►876].

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

1. Construções como *entre eu e você*, *entre tu e eu* etc. são perfeitamente legítimas e corretas no PB atual. Até mesmo os compêndios normativos reconhecem essa legitimidade (Bechara, 1999: 173). Portanto, essas construções são tão aceitáveis quanto *entre mim e você*, *entre ti e mim* etc. Não há razões, portanto, para condenar o uso dos pronomes no caso reto.
2. Com a preposição composta *dentre*, há muito tempo os falantes deixaram de lado as prescrições tradicionais e passaram a usar *dentre* sempre que se fizer referência a uma multiplicidade de opções, reservando *entre* para todos os demais casos:
 - ▮ *Dentre as manias que eu tenho, uma é gostar de você.*
 - ▮ *O Brasil é o país mais rico dentre os da América do Sul.*
 - ▮ *A crise afetou Portugal, Irlanda e Grécia, dentre outros países menores da Europa.*
 Não há justificativa alguma, portanto, para condenar e reprimir esses usos já perfeitamente incorporados à nossa norma culta real.

22.8 CONJUNÇÕES

22.8.1 *Conjunção mas*

A única conjunção coordenativa adversativa é *mas* [►888]. Os demais itens tradicionalmente listados nessa categoria — *porém*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*, *todavia* — não são conjunções, são advérbios.

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

Existe uma prática antipedagógica que precisa imediatamente ser abandonada: a de dizer aos alunos que é preciso evitar o uso repetitivo de *mas* e substituir essa conjunção por seus supostos “equivalentes” *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto*. Esses itens não têm as propriedades conjuntivas de *mas*, já que são de fato advérbios. Além disso, a substituição mecânica de umas palavras por outras não leva ninguém a compreender o que está em jogo nessa operação. A produção de textos escritos mais fluentes e elegantes não é consequência de meras substituições — ao contrário, a repetição pode até mesmo ser um recurso estilístico interessante, desde que conscientemente empregada.

22.8.2 *Queísmo e dequeísmo*

O *queísmo* [►895] é o apagamento da preposição *de* diante da conjunção *que*. Ele vem registrado na língua há séculos, inclusive na melhor literatura.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

1. O *queísmo* é perfeitamente legítimo e aceitável. Mesmo assim, é preciso levar os alunos a tomar conhecimento da existência, ao lado da construção *queísta*, da construção *dequeísta* clássica, para que eles possam empregá-la quando e se acharem adequado — afinal, ela vai aparecer abundantemente nos textos lidos e trabalhados em sala de aula:
 - ▮ certeza *que* ~ *de que*
 - ▮ impressão *que* ~ *de que*
 - ▮ dúvida *que* ~ *de que* etc.
2. Por outro lado, o *dequeísmo* mais inovador, que ocorre com verbos epistêmicos e *dicendi*, é alvo frequente de discriminação social e empregado como justificativa para a alegação de que alguém “fala errado”. Por isso, deve ser pontuado pela professora, pelo professor, caso venha a surgir na fala ou na escrita mais monitorada dos alunos:
 - ▮ *penso de que* → *penso que*
 - ▮ *acho de que* → *acho que*
 - ▮ *disse de que* → *disse que* etc.

22.9 PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos estão em absoluta obsolescência no PB. Tudo indica que esses itens tendem a se reduzir a uma única forma — que —, rotulada de “relativo universal”, com forte propensão a perder sua propriedade pronominal para se reduzir a um mero conectivo entre sentenças. Por isso, é importante dedicar atenção especial a esses pronomes no processo de educação linguística — sempre, é claro, com o apoio de textos autênticos como base para a reflexão e o uso.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

1. A baixíssima estatística de emprego de cujo e sua ocorrência limitada quase exclusivamente a gêneros textuais mais monitorados tornam obrigatório o ensino das construções com esse pronome, uma vez que sua utilização não pode ser aprendida naturalmente, no convívio com a família e com outros membros da comunidade, como acontece com a grande maioria das regras gramaticais que cada indivíduo aprende na infância, ouvindo as outras pessoas falarem. Aprender a usar o pronome *cujo* é aprender, na prática, uma regra “estrangeira”, que não pertence ao vernáculo, e quem vai ensinar precisa ter sempre isso na consciência.
2. Quanto às outras estratégias de relativização, vimos em [►901] que a chamada relativa padrão está em franco processo de desaparecimento no PB, inclusive na escrita mais monitorada, inclusive na consciência das professoras e dos professores do ensino médio. No entanto, como ela há de aparecer em muitos dos textos que serão lidos e estudados ao longo da escolarização, é preciso ao menos familiarizar os estudantes com ela, mostrar o processamento sintático envolvido, os deslocamentos sofridos pela preposição etc. É principalmente por meio da *reflexão sobre o uso* que será possível conscientizar as pessoas de que existem determinadas regras que, embora contrariando a intuição linguística dos falantes nativos, ainda contam com alguns focos de resistência, como os gêneros textuais mais monitorados.
3. O caso de o qual e flexões foi tratado no capítulo anterior [►970]. Aqui só reforçamos o caráter absurdo da prática antipedagógica de recomendar aos alunos que substituam todos os que de seus textos por o qual, sem nenhuma explicação coerente para isso.

22.9.1 Emprego de onde/aonde

Quanto ao emprego de onde em textos escritos mais monitorados, é preciso distinguir dois fenômenos: o uso de onde como organizador do fluxo discursivo [►960] e a suposta diferença entre onde e aonde [►926].

O QUE NÃO ENSINAR NA ESCOLA

Os bons instrumentos normativos (gramáticas e dicionários de filólogos profissionais) apontam para a indiferença no uso de onde e aonde ao longo da história da língua. Os melhores escritores, desde o século XVI até os dias de hoje, dão provas abundantes dessa indiferença que, evidentemente, é a regra na língua falada. Portanto, não existe diferença entre onde e aonde, e ambas as formas se equivalem. Não se justifica, portanto, a tentativa (inútil há séculos) de impor o uso de aonde somente com verbos que indiquem direção e movimento.

O QUE ENSINAR NA ESCOLA

Existe uma forte tendência, no PB atual, ao uso de onde sem nenhuma referência a lugar, mas como um elemento que retoma e organiza blocos do discurso falado. Isso tem levado ao emprego de onde com essas características também em textos escritos. É preciso, então, observar esses usos na produção escrita dos alunos, assinalá-los como inadequados e propor uma reescrita consciente, em que o onde deverá ser substituído por outra palavra ou mesmo por toda uma nova construção sintática, de modo a tornar o texto mais fluente e coeso. Mais uma vez, o exame de textos bem escritos permitirá uma análise e uma conscientização do emprego correto de onde nos GTM.



bibliografia

- ABAURRE, M. Bernadete M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) (2002). *Gramática do português falado*. Vol. VIII. Campinas: Unicamp.
- ACADEMIA ARGENTINA DE LETRAS (2005). *Diccionario del habla de los argentinos*. Buenos Aires: Espasa.
- ACHARD, P. (1998). *La Sociologie du langage*. Paris: Presses Universitaires de France.
- AGOSTINHO (1995). *O Mestre*. Porto: Porto Editora.
- AITCHISON, J. (2001). *Language Change — Progress or Decay?*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALATORRE, A. (2002). *Los 1001 años de la lengua española*. México: Fondo de Cultura Económica.
- ALBERGARIA, L. de; FERNANDES, M.; ESPESCHIT, R. (2008). *Português na ponta da língua*. São Paulo: Quinteto.
- ALI, M. S. (1964). *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- ALI, M. S. (2006). *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- ALKMIM, T. M. (2001). Sociolinguística. Parte I, in: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística*, vol. 1. São Paulo: Cortez.
- ALKMIM, T. M. (org.) (2002). *Para a história do português brasileiro*. Vol. III: *Novos estudos*. São Paulo: Humanitas.

- ALLAN, K. (2008). *Metaphor and Metonymy: A Diachronic Approach*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- ALMEIDA, N. M. (1994). *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo: LCTE, 1994.
- ALONSO CORTÉS, Á. (2005). *El fantasma de la máquina del lenguaje: por qué el lenguaje no es un autómatas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- ALVAR, M. (1969). *Estructuralismo, geografia, lingüística y dialectología actual*. Madrid: Gredos.
- ÁLVAREZ, D.; MONTEAGUDO, H. (orgs.). (2004). *Norma lingüística e variación: unha perspectiva desde o idioma galego*. Santiago de Compostela: Consello da Lingua Galega.
- ÁLVAREZ, R.; XOVE, X. (2002). *Gramática da língua galega*. Vigo: Galaxia.
- AMARAL, A. (1920). *O dialecto caipira*. São Paulo: O Livro.
- ANCHIETA, J. DE ([1990] 1995). *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- ANDERSON, B. (2008). *Comunidades imaginárias: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras.
- ANDERSSON, L.-G.; TRUDGILL, P. (1990). *Bad Language*. Hamondsworth: Penguin.
- ANTUNES, I. (1996). *Aspectos da coesão do texto*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- ANTUNES, I. (2005). *Lutar com palavras — coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ANTUNES, I. (2007). *Muito além da gramática*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ANTUNES, I. (2010). *Análise de textos — fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. (1992). *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes.
- ARRIVÉ, M. (2010). *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ASSIS, J. P. DE (1925). *Estudinhos de português*. Belo Horizonte: Of. Gráfica de Oliveira, Costa e C.
- AZEREDO, J. C. DE (2008). *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- BAGGIONI, D. (2004). *Linguas e nações na Europa*. Bertamirans: Laiovento.
- BAGNO, M. (1995). *A luta desigual: mito e realidade nos livros didáticos de língua portuguesa*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco. Mimeo.
- BAGNO, M. (1997). *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto.
- BAGNO, M. (1998). *Pesquisa na escola — o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.
- BAGNO, M. (1999). *Preconceito linguístico — o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.
- BAGNO, M. (2000). *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Loyola.
- BAGNO, M. (2001). *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAGNO, M. (org.) (2001a). *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola.
- BAGNO, M. (org.) (2002). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola.
- BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. (2002). *Língua materna: letramento, variação, ensino*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAGNO, M. (2003). *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAGNO, M. (2004). *Comandos paragramaticais: a política linguística dos meios de comunicação do Brasil*. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, nº 1 (3), vol. II: *Políticas da linguagem no Brasil*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert.
- BAGNO, M. (2007a). *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAGNO, M. (2007b). *Norma prescritiva; escrita literária, ou por que Clarice Lispector não poderia escrever no Estadão*, in: CORREA, D. A.; SALEM, P. B. O. (orgs.), *Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAGNO, M. (2009a). *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAGNO, M. (2009b). *Gramática: passado, presente e futuro*. Curitiba: Aymará.
- BAGNO, M. (2010). *Gramática, pra que te quero? Os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português*. Curitiba: Aymará.
- BAGNO, M. (2011). *Língua e sociedade na história do Brasil*, in: ÁLVAREZ, D.; CHARDENET, P.; TOST, MANUEL (orgs.). *L'intercompréhension et les nouveaux défis pour les langues romanes*. Paris: Agence Universitaire de la Francophonie/Union Latine.
- BAILLY, A. (2000). *Dictionnaire grec-français*. Édition revue para L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette.
- BAKHTIN, M. (2001). *O freudismo*. São Paulo: Perspectiva.
- BAKHTIN, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARME, S. (2001). *Existe uma língua brasileira? Uma perspectiva tipológica, Iberomania* (Briesemeister, H. V. D et al. [eds.], Tübingen, Max Niemeyer Verlag) 51: 1-29.
- BARTSCH, R. (1987). *Norms of Language. Theoretical and Practical Aspects*. London/New York: Longman.
- BASÍLIO, M. (2000). *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.
- BASSETTO, B. F. (2001). *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. Vol. I. São Paulo: EdUSP.

- BATISTA, A. A.; ROJO, R.; ZÚÑIGA, N. (2005). Produzindo livros didáticos em tempo de mudança (1999-2002), in: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. (orgs.), *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale / Autêntica.
- BATISTA, R. DE O. (2011). *A palavra e a sentença — estudo introdutório*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAUER, L.; TRUDGILL, P. (1998). *Language Myths*. Harmondsworth: Penguin.
- BECHARA, E. (1986). *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática.
- BECHARA, E. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BÉDARD, E.; MAURIS, J. (1983). *La norme linguistique*. Québec/Paris: Conseil de la langue française/Le Robert.
- BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Vol. I. Paris: Gallimard.
- BENVENISTE, E. (1969). *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. 2 vols. Paris: Minuit.
- BENVENISTE, E. (1974). *Problèmes de linguistique générale*. Vol. II. Paris: Gallimard.
- BLANCHET, S. M. G. B. (2002). Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim, in: COHEN, M. A.; RAMOS, J. M. (orgs.), *Dialeto mineiro e outras falas — estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFG.
- BLAS ARROYO, J. L. (2005). *Sociolingüística del español*. Madrid: Cátedra.
- BOAS, F. (2004). *A formação da antropologia americana, 1883-1911 — uma antologia*. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ.
- BONAZZI, M.; ECO, U. (1980 [1972]). *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus.
- BORBA, F. S. (org.) (1990). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Unesp.
- BORBA, F. S. (2002). *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática.
- BORBA, F. S. (2004). *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. São Paulo: Unesp.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (1985). *The Urbanization of Rural Dialect Speakers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2002). Um modelo para a análise sociolingüística do português do Brasil, in: BAGNO, M. (org.), *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2004). *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2011). *Do campo para a cidade — estudo sociolingüístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BOURDIEU, P. (1994). *Lições da aula*. São Paulo: Ática.
- BOURDIEU, P. (1996). *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp.
- BOURDIEU, P. (1999). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- BOURDIEU, P. (2003). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRANDÃO, S.; VIEIRA, S. (orgs.) (2007). *Ensino de gramática*. São Paulo: Contexto.
- BRITTO, L. P. L. (1997). *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB)/Mercado de Letras.
- BRONCKART, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, texto e discurso*. São Paulo: Educ.
- BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (2004). *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: Asociación Nacional de Educación Pública.
- BUENO, F. DA S. (1967). *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- BUESO, I.; MORENO, N.; VÁZQUEZ, R.; WINGEYER, H. (1999). *Diferencias de usos gramaticales entre español peninsular y español de América*. Madrid: Edinumen.
- BUTLER, CH.; MAIRAL, R.; ARISTA, J.; MENDOZA, F. (1999). *Nuevas perspectivas en gramática funcional*. Barcelona: Ariel.
- BUTLER, J. (1997). *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Síntesis.
- CALDAS AULETE (1964). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 5 vols. Rio de Janeiro: Delta.
- CALVET, L.-J. (1974). *Linguistique et colonialisme. Petit traité de glottophagie*. Paris: Payot.
- CALVET, L.-J. (1975). *Pour et contre Saussure. Vers une linguistique sociale*. Paris: Payot.
- CALVET, L.-J. (2002). *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CALVET, L.-J. (2011). *Tradição oral e tradição escrita*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CAMACHO, R. G. (2002). Construções de voz, in: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.), *Gramática do português falado*. Vol. VIII. Campinas: Unicamp.
- CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; GONÇALVES, S. C. L. (2008). O substantivo, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.), *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- CÂMARA JR., J. M. (1962). *Ensaio machadiano (língua e estilo)*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CÂMARA JR., J. M. (1969). *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA JR., J. M. (1977). *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

- CÂMARA JR., J. M. (1979). *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- CÂMARA JR., J. M. (1984). *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA JR., J. M. (1986). *História da linguística*. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA JR., J. M. (1993). *Manual de expressão oral e escrita*. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA JR., J. M. (2001). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA JR., J. M. (2004). *Dispersos*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- CAMERON, D. (1995). *Verbal Hygiene*. London: Routledge.
- CANDIDO, A. (1981). *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- CARDEIRA, E. (2006). *História do português*. Lisboa: Caminho.
- CARDOSO, S.; MOTTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (orgs.) (2006). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia.
- CARDOSO, S. (2010). *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CARDOSO, W.; CUNHA, C. (1978). *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CARNEIRO, E. (1951). *A linguagem popular da Bahia*. Rio de Janeiro: s.e.
- CARVALHO, A.; RIBEIRO, J. (1988). *Nossa palavra*. São Paulo: Ática.
- CARVALHO, O. L. S. (2001). *Lexicografia bilíngue português-alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília: Thesaurus.
- CASILHO, A. T. DE; BASÍLIO, M. (orgs.) (1996). *Gramática do português falado*, vol. IV. Campinas: Unicamp.
- CASILHO, A. T. DE (1993). Os mostrativos no português falado, in: CASILHO, A. T. DE (org.). *Gramática do português falado*, vol. III. Campinas: Unicamp.
- CASILHO, A. T. DE (1997). A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, nº especial. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 25-64.
- CASILHO, A. T. DE (1998). *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.
- CASILHO, A. T. DE (2002 [1978]). Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa, in: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola.
- CASILHO, A. T. DE (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- CASILHO, A. T. DE (org.) (1993). *Gramática do português falado*. Vol. III. Campinas: Unicamp.
- CASILHO, A. T. DE (org.) (1998). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas/Fapesp.
- CASILHO, A. T. DE (org.) (1991). *Gramática do português falado*. Vol. I. Campinas: Unicamp.
- CASILHO, A. T. DE; ILARI, R.; NEVES, M. H. M.; BASSO, R. M. (2008). O advérbio, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- CASILHO, A. T. DE; PRETI, D. (orgs.) (1987). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: TAQ/Fapesp.
- CASTRO, Y. P. (2002). *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Secretaria do Estado da Cultura.
- CASTRO, Y. P. (2005). *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- CAVALLI-SFORZA, L. L. (2003). *Genes, povos e línguas*. São Paulo: Cia. das Letras.
- CEGALLA, D. P. (1990 [1964]). *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. (2008). *Português: linguagens*. São Paulo: Saraiva.
- CERQUIGLINI, B. (2007a). *La naissance du français*. Paris: PUF.
- CERQUIGLINI, B. (2007b). *Une langue orpheline*. Paris: Minuit.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (orgs.). (2006). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- CHATER, N.; CHRISTIANSEN, M. H. (2009). *Language Acquisition Meets Language Evolution*. Cognitive Science, 2009, 1-27.
- CHAUÍ, M. (1997). *Cultura e democracia*. São Paulo: Cortez.
- CHAUÍ, M. (2000). *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- CHOMSKY, N. A. (1957). *Syntactic Structures*. Berlin: Walter de Gruyter.
- CHOMSKY, N. A. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- CHOMSKY, N. A. (1975). *Reflections on Language*. New York: Pantheon Books.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. (1997). *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione.
- COELHO, P. M. C. R. (2007). *O tratamento da variação linguística no livro didático de português*. Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, mimeo.
- COHEN, M. A.; RAMOS, J. M. (orgs.) (2002). *Dialeto mineiro e outras falas — estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- COMRIE, B. (org.) (1987). *The World's Major Languages*. London: Routledge.
- CONTADOR DE ARGOTE, J. (1725). *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina*. Lisboa: Oficina da Musica.

- COOPER, R. L. (1997). *La planificación lingüística y el cambio social*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORBERA MORI, Á. (2001). Fonologia, in: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística*, vol. 1. São Paulo: Cortez.
- COROA, M. L. M. S. (2005). *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CORREA, D. A.; SALEM, P. B. O. (orgs.) (2007). *Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CORRÊA, M. L. G. (2001). Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português, in: SIGNORINI, I. (org.). *Investigando as relações oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- CORRÊA, M. L. G. (2004). *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (orgs.) (2006). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- CORRÊA, V. R. (1998). *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: IEL-Unicamp, mimeo.
- COSERIU, E. (1979). *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo: EdUSP.
- COSERIU, E. (1980). *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo: Edusp.
- COULMAS, F. (org.) (2007). *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell.
- COUTINHO, I. S. (1976). *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- CRISTÓFARO SILVA, T. (1999). *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto.
- CRISTÓFARO SILVA, T. (2011). *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto.
- CRYSTAL, D. (1990). *The English Language*. Harmondsworth: Penguin.
- CUNHA, A. G.; CAMBRAIA, C.; MEGALE, H. (1999). *A carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear*. São Paulo: Humanitas.
- CUNHA, A. G. DA (1982). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, C. (1968). *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CUNHA, C. (1981). *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, C. (1984). *Língua e verso*. Lisboa: Sá da Costa.
- CUNHA, C. (1985). *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CUNHA, C. (1985). *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CUNHA, C.; LINDLEY CINTRA, L. F. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, M. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (2003). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A.
- DANIELS, H. (org.) (2002). *Uma introdução a Vygotsky*. São Paulo: Edições Loyola.
- DARWIN, C. (1859). *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. London: John Murray.
- DARWIN, C. (1871). *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*. London: John Murray.
- DAVIS, S. (org.) (1991). *Pragmatics — A Reader*. Oxford: Oxford University Press.
- DE CAT, C.; DEMUTH, K. (orgs.) (2008). *The Bantu-Romance Connection*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin.
- DEUTSCHER, G. (2005). *The Unfolding of Language: An Evolutionary Tour of Mankind's Greatest Invention*. New York: Metropolitan Books.
- DEUTSCHER, G. (2010). *Through the Language Glass — Why the World Looks Different in Other Languages*. New York: Metropolitan Books.
- DIAS, A. E. S. (1970). *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica.
- DIAS, E. P. (2007). *O uso de tu/você na fala brasiliense*. Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, mimeo.
- DIAS, P. (1697). *Arte da lingua de Angola, offerecida a Virgem Senhora do Rosario, mãy, & Senhora dos mesmos Pretos*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes.
- DIETRICH, W.; NOLL, V. (orgs.) (2008). *O português do Brasil — perspectivas da pesquisa atual*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert.
- DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (orgs.) (2001). *Livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- DUARTE, D. A. (1998). *Bilinguismo ou diglossia?* Praia: Spleen.
- DUARTE, M. E. L. (1989). Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil, in: TARALLO, F. (org.) (1989). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes/Unicamp.
- DURANTI, A. (2000). *Antropología lingüística*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUTRA, R. (2004). *O falante gramático*. Campinas: Mercado de Letras.
- ECHEVERRÍA, R. (2005). *Ontología del lenguaje*. México: JCSáz.

- ERNOUT, A. (1953). *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck.
- ERNOUT, A.; THOMAS, F. (1953). *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck.
- ESCOBAR, A. M.; WÖLCK, W. (orgs.). (2009). *Contacto lingüístico y la emergencia de variantes y variedades lingüísticas*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert.
- EVANS, N.; LEVINSON, S. C. (2009). The Myth of Language Universals: Language Diversity and its Importance for Cognitive Science. *Behavioral and Brain Sciences*, 32, 429-492.
- FAIRCLOUGH, N. (1989). *Language and Power*. Harlow: Longman.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. (2008). *Prática de texto para estudantes universitários*. Petrópolis: Vozes.
- FARACO, C. A. (1992). *Escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto.
- FARACO, C. A. (2005). *Linguística histórica — uma introdução ao estudo da história da língua*. São Paulo: Parábola Editorial.
- FARACO, C. A. (2008). *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial.
- FARACO, C. A. (2009). *Linguagem & diálogo — as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. (2008). *Linguagem nova*. São Paulo: Ática.
- FERNÁNDEZ, M.; FERNÁNDEZ FERREIRO, M.; VÁZQUEZ VEIGA, N. (orgs.). *Los criollos de base ibérica*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert.
- FERRATER-MORA, J. (2000). *Dicionário de filosofia*, 4 vols. São Paulo: Edições Loyola.
- FERREIRA NETO, W. (2001). *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.
- FERREIRA, A. B. H. (2011). *Dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. (1994). *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- FIGUEIREDO, C. DE (1927). *O que se não deve dizer — bosquejos e notas de filologia portuguesa*, vol. 3. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- FIGUEIREDO, C. DE (1929a). *O que se não deve dizer — bosquejos e notas de filologia portuguesa*. Vol. 1, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- FIGUEIREDO, C. DE (1929b). *O que se não deve dizer — bosquejos e notas de filologia portuguesa*. Vol. 2, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- FIGUEIREDO, C. DE (1955). *Gramática sintética da língua portuguesa para o ensino secundário*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- FILLMORE, C. J. (2003). Pronouns, in: *International Encyclopedia of Linguistics*, vol. 3. Oxford: Oxford University Press.
- FIORIN, J. L.; PETTER, M. (orgs.) (2008). *África no Brasil — a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto.
- FISHMAN, J. (1995). *Sociología del lenguaje*. Madrid: Cátedra.
- FLORES, V. N.; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T. (2008). *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto.
- FLUSSER, V. (2004). *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (2004). *El español de la Argentina y sus variaciones regionales*. Buenos Aires: Asociación Bernardino Rivadavia: Proyecto Cultural Weinberg Fontanella.
- FOUCAULT, M. (1966). *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1969). *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1971). *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard.
- FRANCHI, C. (2006). *Mas o que é mesmo "gramática"?* São Paulo: Parábola Editorial.
- FRANCHI, C. (2011). *Linguagem, atividade constitutiva — teoria e poesia*. São Paulo: Parábola Editorial.
- FREI, H. (2003 [1929]). *La grammaire des fautes*. Rennes: Ennoia.
- FREIRE, A. (1983). *Lições de filologia e língua portuguesa*. Braga: Faculdade de Filologia.
- FREYRE, G. (1980). *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL-MEC.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.) (2003). *Linguística funcional — teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A.
- GABBIANI, B. (2000). *Escuela, lenguaje y poder*. Montevideo: Universidad de la República.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. (2004). *A língua inatingível*. Campinas: Pontes.
- GALLARDO PAÚLS, B. (2000). *Evolución de lenguas y tipología*. Valencia: Tirant lo Blanch.
- GALVÃO, A. M. O.; DI PIERRO, M. C. (2007). *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo: Cortez.
- GALVES, C. (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Unicamp.
- GALVES, C.; ABAURRE, M. B. M. (1996). Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica, in: CASTILHO, A. DE; BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado*, vol. IV. Campinas: Unicamp.
- GARCÍA MARCOS, F. J. (2005). *La divinidad políglota — lenguaje, evolución y poder*. Barcelona: Octaedro.
- GARCÍA MOUTON, P. (2002). *Lenguas y dialectos de España*. Madrid: Arco/Libros.

- GARCIA, A. L. M.; AMOROSO, M. B. (2008). *Olhe a língua* São Paulo: FTD.
- GÄRTNER, E. (2002). Tentativa de explicação de alguns fenômenos morfossintáticos do português brasileiro, in: ALKMIM, T. M. (org.) (2002). *Para a história do português brasileiro*, vol. III: *Novos estudos*. São Paulo: Humanitas.
- GEERTZ, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GELDEREN, E. VAN (2011). *The Linguistic Cycle — Language Change and the Language Faculty*. Oxford: Oxford University Press.
- GERALDI, J. W. (1996). *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB)/Mercado de Letras.
- GNERRE, M. (1985). *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes.
- GOES, J. (1999). *L'adjectif: entre nom et verbe*. Bruxelles: Duculot.
- GOFFMAN, E. (1988). *Estigma*. São Paulo: LTC.
- GOFFMAN, E. (2006). *Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, E. (2010). *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes.
- GÓIS, C. (1952). *Método de análise (léxica e lógica) ou sintaxe das relações*. Belo Horizonte: Edição e Propriedade do Autor.
- GONÇALVES, M. S.; RIOS, R. F. C. (2008). *Português em outras palavras*. São Paulo: Scipione.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. (orgs.) (2007). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- GOULD, S. J. (2001). *Lance de dados — a ideia de evolução de Platão a Darwin*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- GRAMSCI, A. (1978). *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GREVISSE, M. (1993). *Le Bon usage*. Paris: Duculot.
- GUEDES, P. C. (2009). *Da redação à produção textual — o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial.
- GUÉRIOS, R. F. M. (1979). *Tabus linguísticos*. São Paulo/Curitiba: Nacional/UFPR.
- GUIRAUD, P. (1973). *Le français populaire*. Paris: PUF.
- GUSO, Â. M.; FINAU, R. A. (2008). *Rumo ao letramento*. Curitiba: Base.
- GUTIÉRREZ ORDOÑEZ, S. (1997). *Principios de sintaxis funcional*. Madrid: Arco/Libros.
- HAGÈGE, C. (2001). *La structure des langues*. Paris: Presses Universitaires de France.
- HAGÈGE, C. (2009). *Dictionnaire amoureux des langues*. Paris: Plon/Odile Jacob.
- HALL, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. (2004). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Hodder Arnold.
- HASPELMATH, M. (2003). Adpositions. *International Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: OUP.
- HAUDRY, J. (1984). *L'indo-européen*. Paris: Presses Universitaires de France.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. (2002). *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HELLER, M. (2002). *Éléments d'une sociolinguistique critique*. Paris: Didier.
- HENRIQUES, C. C. (2009). *Nomenclatura Gramatical Brasileira — 50 anos depois*. São Paulo: Parábola Editorial.
- HILGERT, J. G. (org.) (1997). *A linguagem culta falada na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre/Passo Fundo, Editora da UFRGS/Editora da UPF.
- HOBBSAWM, E. J. (1998). *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HOLANDA, S. B. DE (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras.
- HOLANDA, S. B. DE (2000). *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOUAISS, A. (1959). *Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto da área dita carioca*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.
- HOUAISS, A. (1985). *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade.
- HOUAISS, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva.
- ILARI, R. (1985). *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- ILARI, R. (1997). *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto/Educ.
- ILARI, R. (1999). *Linguística românica*. São Paulo: Ática.
- ILARI, R. (2001). *Introdução à semântica — brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto.
- ILARI, R. (2003). *Introdução ao estudo do léxico — brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto.
- ILARI, R. (2008). As conjunções, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- ILARI, R. (org.) (1993). *Gramática do português falado*. Vol. II. Campinas: Unicamp.
- ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.) (2008). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. II: *Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Unicamp.

- ILARI, R.; BASSO, R. (2006). *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. (2008). O verbo, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W. (1985). *Semântica*. São Paulo: Ática.
- INAF BRASIL (2009). *Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. Principais resultados*. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa.
- International Encyclopedia of Linguistics* (2003). Oxford: Oxford University Press.
- JAKOBSON, R. (2003). *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (orgs.). (2006). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell.
- JOSEPH, I. (2000). *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro: FGV.
- JOSEPH, J. E. (1987). *Eloquence and Power — The Rise of Language Standards and Standard Languages*. New York: Basil Blackwell.
- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.) (2006). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. I. Campinas: Unicamp.
- KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; SIEBENEICHER BRITO, K. (orgs.) (2011). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial.
- KATO, M. (org.) (1996). *Gramática do português falado*. Vol. V. Campinas: Unicamp.
- KATO, M.; NASCIMENTO, M. DO (orgs.) (2009). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. III. Campinas: Unicamp.
- KLEIBER, G. (1995). *La semántica de los prototipos — categoría y sentido léxico*. Madrid: Visor Libros.
- KLEIMAN, A. B. (org.) (1999). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- KLINKENBERG, J.-M. (2001). *La langue et le citoyen*. Paris: PUF.
- KOCH, I. G. V. (org.) (1997). *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Unicamp.
- KOCH, I. G. V. (1989). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- KOCH, I. G. V. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- KOCH, I. G. V. (2009). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- KRAMSCH, C. (2003). *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. (2001). *Principles of Language Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell.
- LABOV, W. (2006). *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- LAHIRE, B. (2004). *La culture des individus — dissonances culturelles et distinction de soi*. Paris: La Découverte.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (2002). *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas/Mercado de Letras/São Paulo: Educ.
- LAPA, M. R. (1965). *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura.
- LAPA, M. R. (1979). *Estudos galegos-portugueses*. Lisboa: Sá da Costa.
- LAPA, M. R. (1982). *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- LARA, L. F. (2004). *Lengua histórica y normatividad*. México: El Colegio de México.
- LAUSBERG, H. (1981). *Linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LAZARD, G.; MOYSE-FAURIE, C. (orgs.). (2005). *Linguistique typologique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- LEÃO, D. N. DE (1983). *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introd., notas e leitura: M^a Leonor C. Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LEITH, D. (1997). *A Social History of English*. New York: Routledge.
- LEPAGE, R.; TABOURET-KELLER, A. (1985). *Acts of Identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LI, C.; THOMPSON, S. (1987). Chinese, in: COMRIE, B. (org.). *The World's Major Languages*. London: Routledge.
- LIMA SOBRINHO, B. (2000). *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LOPES, C. R. S. (org.) (2005). *A norma brasileira em construção — fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: Faperj/UFRJ.
- LÓPEZ MORALES, H. (2004). *Sociolingüística*. Madrid: Gredos.
- LORENZO, E. (1994). *El español de hoy, lengua en ebulición*. Madrid: Gredos.
- LUCCA, Nívea N. G. (2005). *A variação tu/você na fala brasiliense*. Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, mimeo.
- LUCCHESI, D. (2002). Norma linguística e realidade social, in: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola.
- LUCCHESI, D. (2004). *Sistema, mudança e linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial.
- LUCCHESI, D. (2009). História do contato entre línguas no Brasil, in: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs.) (2009). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EdUFBA.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs.) (2009). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EdUFBA.

- LUFT, C. P. (1985). *Língua e liberdade*. Porto Alegre: L&PM.
- LYONS, J. (1968). *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LYONS, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MACHADO FILHO, A. V. (2009). *Um flos-sanctorum trecentista português*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- MALINOWSKI, B. (1973). *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis: Vozes.
- MALINOWSKI, B. (1975). *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MALINOWSKI, B. (1978). *Os argonautas do Pacífico ocidental*. São Paulo: Abril.
- MALINOWSKI, B. (1982). *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Manual de redação e estilo* (1998). São Paulo: O Estado de S. Paulo/Moderna.
- MARCUSCHI, L. A. (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L. A. (2007). *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MARCUSCHI, L. A. (2007). *Fenômenos da linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MARCUSCHI, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MARCUSCHI, L. A. (2009 [1983]). *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- MARROQUIM, M. (1945). *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- MARTELOTTA, M. E. (org.) (2008). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.) (1996). *Gramaticalização no português do Brasil — uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MARTIN, R. (2003). *Para entender a linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MARTINET, A. (1952) Celtic Lenition and Western Romance Consonants. *Language*, vol. 28, nº 2 (Apr. - Jun., 1952), pp. 192-217.
- MARTINET, A. (1986). *Des steppes aux océans. L'indo-européen et les "Indo-Européens"*. Paris: Payot.
- MARTÍNEZ AMADOR, E. M. (1987). *Diccionario gramatical y de dudas del idioma*. Barcelona: Sopena.
- MARX, K.; ENGELS, F. (1998). *The German Ideology*. New York: Prometheus Books.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. S.; FARIA, I. H. (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- MATEUS, M. H. M. et alii (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1994). *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1997). *Contradições no ensino de português — a língua que se fala x a língua que se ensina*. Salvador/São Paulo: Edufba/Contexto.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2004a). "O português são dois...": novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2004b). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2006). *O português arcaico — fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2008). *Caminhos da linguística histórica — ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2010). *Estruturas trecentistas*. Salvador: EDUFBA.
- MAURIS, J. (org.) (1987). *Politique et aménagement linguistiques*. Québec/Paris: Conseil de la langue française/Le Robert.
- MAUSS, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MEDINA LÓPEZ, J. (1997). *Lenguas en contacto*. Madrid: Arco/Libros.
- MENDES, A. (1942). *Vocabulário amazônico*. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira.
- MEY, J. L. (2002). *As vozes da sociedade — seminários de pragmática*. Campinas: Mercado de Letras.
- MILROY, J. (2001). Language Ideologies and the Consequences of Standardization. *Journal of Sociolinguistics*, 5/4, 530-555.
- MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.) (2005). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: UFJF.
- MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. (orgs.) (2009). *Construções do português do Brasil — da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MÓDOLO, M. (2008). As construções correlatas, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- MOLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) (2003). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.
- MONTEAGUDO, H. (1999). *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia.
- MONTEAGUDO, H. (2002). A lingua galega na sociedade: descripción da situación actual e perspectivas de futuro, in: MONTEAGUDO, H.; GARCÍA CONDE, S.; RUÍZ DE CASTRO, H. L.; SUBIELA, X. (orgs.). *A normalización lingüística a debate*. Vigo: Xerais.
- MONTEAGUDO, H. (2004). Do uso á norma, da norma ao uso (variación sociolingüística e estandarización no idioma galego, in: ÁLVAREZ, R.; MONTEAGUDO, H. (orgs.), *Norma lingüística e variación*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega / Consello da Cultura Galega.

- MORAES DE CASTILHO, C. M. (2008). Quantificadores indefinidos, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- MORAES, L. C. (1935). *Vocabulário sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Globo.
- MORENO DE ALBA, J. (2003). *La lengua española en México*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. (2005). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel.
- MORRIS, C. W. (1938). *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago, University of Chicago Press.
- MORTATTI, M. DO R. L. (2004). *Educação e letramento*. São Paulo: Unesp.
- MORTEN, H. C.; NICK CHATER (2008). Language as Shaped by the Brain. *Behavioral and Brain Sciences*, 31, pp. 489-509.
- MOURA, H. M.; SILVA, F. (orgs.) (2000). *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular.
- MUFWENE, S. S. (2006). *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MUFWENE, S. S. (2008). *Language Evolution, Contact, Competition and Change*. London/New York: Continuum.
- MÜLLER, H.-P.; SINTOMER, Y. (2006). *Pierre Bourdieu, théorie et pratique — perspectives franco-allemandes*. Paris: La Découverte.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) (2000). *Introdução à linguística*, vol. II — *Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) (2004). *Introdução à Linguística*, vol. III — *Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.
- MYERS-SCOTTON, C. (2002). *Contact Linguistics — Bilingual Encounters and Grammatical Outcomes*. Oxford: Oxford University Press.
- NASCENTES, A. (1960). *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- NASCENTES, A. (2003). *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.
- NAVARRO, E. (2006). *Método moderno de tupi antigo*. São Paulo: Global.
- NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L.; NUNES-PEMBERTON, G.; FOLTRAN, M. J. (2008). O adjetivo, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.) (2004). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto.
- NEVES, M. H. M. (1987). *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo/Hucitec/Brasília: Universidade de Brasília.
- NEVES, M. H. M. (1990). *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto.
- NEVES, M. H. M. (1997). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- NEVES, M. H. M. (2001). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp.
- NEVES, M. H. M. (2002). *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Unesp.
- NEVES, M. H. M. (2003a). *Guia de usos do português*. São Paulo: Unesp.
- NEVES, M. H. M. (2003b). *Que gramática ensinar na escola?* São Paulo: Contexto.
- NEVES, M. H. M. (2006). *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto.
- NEVES, M. H. M. (2008). Os pronomes, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- NEVES, M. H. M. (org.) (1999). *Gramática do português falado*, vol. VII. São Paulo/Campinas: Humanitas/Unicamp.
- NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. (2008). As construções hipotáticas, in: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. 2. Campinas: Unicamp.
- NIEDERMANN, M. (1953). *Précis de phonétique historique du latin*. Paris: Klincksieck.
- NINA RODRIGUES, R. (2004). *Os africanos no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília.
- NINYOLES, R. L. (1989). *Estructura social y política lingüística*. Vigo: Ir Indo.
- NINYOLES, R. L. (2005). *Idioma e poder social*. Bertamirans: Laiovento.
- NOLL, V. (2008). *O português brasileiro — formação e contrastes*. São Paulo: Globo.
- NOLL, V.; DIETRICH, W. (orgs.) (2010). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- NOLL, V.; ZIMMERMANN, K.; NEUMANN-HOLZSCHUH, I. (orgs.) (2005). *El español en América: aspectos teóricos, particularidades, contactos*. Madrid: Iberoamericana.
- NOSELLA, M. DE L. C. D. (1979). *As belas mentiras*. São Paulo: Moraes.
- NUNES, J. J. (1970). *Crestomatia arcaica*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- NUNES, J. J. (1972). *Cantigas d'amor dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro.
- OLIVEIRA, K.; SOUZA, H. C.; SOLEDADE, J. (orgs.) (2009). *Do português arcaico ao português brasileiro — outras histórias*. Salvador: UFBA.
- OLIVEIRA, L. T. S.; CAMPOS, N. (2008). *Leitura do mundo*. São Paulo: Editora do Brasil.
- OMENA, N. P. (2003). A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?, in: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ContraCapa.

- PAGOTTO, E. G. (2004). *Variação e() identidade*. Maceió, Edufal/Edufba.
- PALMER, G. B. (2000). *Linguística cultural*. Madrid: Alianza.
- PAREDES SILVA, V. (2003). O retorno do pronome tu à fala carioca, in: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.), *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras.
- PAUL, H. (1983). *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEIRCE, C. S. (1980). *Selected Writings*. Mineola: Dover Publications.
- PENNY, R. (2004). *Variación y cambio en español*. Madrid: Gredos.
- PEREIRA, I. (1990). *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- PERINI, M. A. (1985). *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática.
- PERINI, M. A. (1996). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática.
- PERINI, M. A. (1997). *Sofrendo a gramática — ensaios sobre a linguagem*. São Paulo: Ática.
- PERINI, M. A. (2002). *Modern Portuguese: A Reference Grammar*. Yale, University of Yale Press.
- PERINI, M. A. (2006). *Princípios de linguística descritiva*. São Paulo: Parábola Editorial.
- PERINI, M. A. (2008). *Estudos de gramática descritiva*. São Paulo: Parábola Editorial.
- PERINI, M. A. (2010). *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- PICOCHÉ, J.; MARCHELLO-NIZA, C. (1996). *Histoire de la langue française*. Paris: Nathan.
- PIEL, J. M. (1953). *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- PINKER, S. (1999). *Words and Rules — The Ingredients of Language*. New York: Harper Collins.
- PINTO, E. P. (1986). *A língua escrita no Brasil*. São Paulo: Ática.
- PINTO, E. P. (1990). *O português popular escrito*. São Paulo: Contexto.
- PINTO, E. P. (org.) (1978). *O português do Brasil — textos críticos e teóricos*, vol. 1. São Paulo: LTC/EDUSP.
- PINTO, E. P. (org.) (1981). *O português do Brasil — textos críticos e teóricos*, vol. 2. São Paulo: LTC/EDUSP.
- PINTO, P. F. (2001). *Como pensamos a nossa língua e a língua dos outros*. Lisboa: Estampa.
- PLATÃO (1959). *Oeuvres complètes*. Traduction nouvelle et notes par L. Robin. Paris: Bibliothèque de la Pléiade.
- PONTES, E. (1987). *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- PONTES, E. (1992). *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes.
- POSSENTI, S. (1996). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB)/Mercado de Letras, 1996.
- POSSENTI, SÍRIO (2001). Apresentação, in: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística*, vol. 1. São Paulo: Cortez.
- POSSENTI, S. (2009). *Língua na mídia*. São Paulo: Parábola Editorial.
- POSSENTI, S. (2009). *Os limites do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- POSSENTI, S. (2011). *Questões de linguagem — passeio gramatical dirigido*. São Paulo: Parábola Editorial.
- POTTIER, B. (1968). *Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid: Gredos.
- PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (orgs.). (1972). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin.
- PRIETO, C. (2005). *Cinco mil años de palabras*. México: Fondo de Cultura Económica.
- RAITER, A. (1995). *Lenguaje en uso — enfoque sociolingüístico*. Buenos Aires: A-Z Editora.
- RAITER, A. (1999). *Linguística y política*. Buenos Aires: Biblos.
- RAITER, A. (2003). *Lenguaje y sentido común — las bases para la formación del discurso dominante*. Buenos Aires: Biblos.
- RAJAGOPALAN, K. (2003). *Por uma linguística crítica — linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial.
- RAJAGOPALAN, K. (2010). *Nova pragmática — fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial.
- RAMOS, J. (1997). *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes.
- RAMOS, J.; ALKMIM, M. (orgs.) (2007). *Para a história do português brasileiro*, vol. V. Belo Horizonte: Fale/UFGM.
- REI-DOVAL, G. (2007). *A língua galega na cidade do século XX — unha aproximación sociolingüística*. Vigo: Xerais.
- REQUEJO, M. I. (2009). *Linguística social y autorías de la palabra y el pensamiento*. Buenos Aires: Ediciones Cinco.
- RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) (2002). *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Edições Loyola.
- RIBEIRO, J. (1933). *A língua nacional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- RIBEIRO, J. (1963). *Curiosidades verbais*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- RIBEIRO, V. M. (org.) (2004). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa/Global/Instituto Paulo Montenegro.
- ROBBINS, R. H. (1979). *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- ROBERTS, E. A.; PASTOR, B. (2007). *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española*. Madrid: Alianza Editorial.
- ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.) (1993). *Português brasileiro — uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp.
- ROCHA LIMA, C. H. (1989 [1957]). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- ROCHET-CAPELLAN, A.; SCHWARTZ, J.-L. (2007). *The Labial-Coronal Effect and CVCV Stability During Reiterant Speech Production: an Articulatory Analysis*. 9th International Conference on Speech Communication and Technology (InterSpeech 2005). Lisbon: Portugal (2005).

- ROGOFF, B. (2003). *The Cultural Nature of Human Development*. Oxford: Oxford University Press.
- ROJO, R. (2010). *Falando ao pé da letra: a constituição da narrativa e do letramento*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ROMAINE, S. (1996). *El lenguaje en la sociedad — una introducción a la sociolingüística*. Barcelona: Ariel.
- ROMERO, R. A. (1998). *Protagonismo histórico del idioma guaraní*. Asunción: Arte Final.
- RONCARATI, C. (2010). *As cadeias do texto — construindo sentidos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.) (2003). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Letras.
- ROSA, M. C. (2000). *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto.
- ROSSI, N. (1963). *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura.
- ROSSI, N. (1980). A realidade linguística brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 22.
- ROSSI-LANDI, F. (1985). *A linguagem como trabalho e como mercadoria*. São Paulo: Difel.
- SÁ, M. DA P. M.; CUNHA, D. A. C.; LIMA, A. M.; OLIVEIRA JR., M. (orgs.) (1996). *A linguagem falada culta na cidade do Recife*, vol. 1. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- SÁ, M. DA P. M.; CUNHA, D. A. C.; LIMA, A. M.; OLIVEIRA JR., M. (orgs.) (2005). *A linguagem falada culta na cidade do Recife*, vol. 2. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- SAID ALI, M. (1919). *Difficultades da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. Bernard Frères.
- SAID ALI, M. (1964). *Gramática histórica e gramática secundária da língua portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília.
- SAMPAIO, T. (1914). *O Tupi na geographia nacional*. São Paulo: O Pensamento.
- SANKOFF, D. (1978). *Linguistic Variation — Models and Methods*. New York: Academic Press.
- SANTOS, M. (2001). *Por uma outra globalização — do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. (2001). *O Brasil — território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- SAPIR, E. (1961). *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- SAPIR, E. (1980). *A linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- SARAIVA, F. R. DOS S. (1993). *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier.
- SARAMAGO, J. (2000). *A caverna*. São Paulo: Cia. das Letras.
- SARGENTIM, M. D. (2008). *Toda linguagem*. São Paulo: IBEP.
- SARMENTO, Leila L. (2008). *Leitura, produção, gramática*. São Paulo: Moderna.
- SAUSSURE, F. DE (1986). *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot.
- SAUSSURE, F. DE (2002). *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
- SAZBÓN, J. (1996). *Saussure y los fundamentos de la lingüística*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- SCAGLIONE, A. (1952). *The Rise of National Languages: East and West*. Oxford: Oxford University Press.
- SCHENDL, H. (2001). *Historical Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- SCHERRE, M. M. P. (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, mimeo.
- SCHERRE, M. M. P. (2005). *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. (2007). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (1993). *História do falar e história da lingüística*. Campinas: Unicamp.
- SCHRADER-KNIFFIKI, M.; MORGENTHAUER GARCÍA, L. (orgs.). (2007). *La Rumania en interacción — entre historia, contacto y política*. Ensayos en homenaje a Klaus Zimmermann. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert.
- SILVA NETO, S. (1977). *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- SILVA NETO, S. (1977). *Manual de filologia portuguesa: história, problemas, métodos*. Rio de Janeiro: Presença.
- SILVA NETO, S. (1979). *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- SILVA NETO, S. (1986). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.
- SILVA, C. DE O.; SILVA, E. G. DE O.; ARAÚJO, L. A. MELO; OLIVEIRA, T. A. (2008). *Tecendo linguagens*. São Paulo: IBEP.
- SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.) (1996). *Padrões sociolingüísticos — análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SOARES, M. (1986). *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática.
- SOARES, M. (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1998.
- SOARES, M. (1999). *Português: uma proposta para o letramento*. Manual do Professor. São Paulo: Moderna.

- SOARES, M. (2003). *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto.
- SOBRERO, A. A. (org.) (1997). *Introduzione all'italiano contemporaneo — la variazione e gli usi*. Roma, Laterza.
- SOUZA, A. L. S. (2011). *Letramentos de reexistência — poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial.
- SPOLSKY, B. (1998). *Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- TAGLIAVINI, C. (1993). *Orígenes de las lenguas neolatinas*. México: Fondo de Cultura Económica.
- TARALLO, F. (1983). *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D. Dissertation. Philadelphia: University of Pennsylvania. Mimeo.
- TARALLO, F. (1985). *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- TARALLO, F. (1990). *Tempos linguísticos — itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática.
- TARALLO, F. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX, in: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp.
- TARALLO, F. (org.) (1989). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes/Unicamp.
- TERRA, E.; CAVALLETE, F. T. (2008). *Português para todos*. São Paulo: Scipione.
- TEYSSIER, P. (1997). *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- TOMASELLO, M. (2001). *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- TOMASELLO, M. (2003). *Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- TORRINHA, F. (1942). *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos Reunidos.
- TORTOSA, J. M. (1982). *Política lingüística y lenguas minoritarias*. Madrid: Tecnos.
- TRASK, R. L. (2004). *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto.
- TRAVAGLIA, L. C. (1996). *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez.
- TRAVAGLIA, L. C. (2004). *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez.
- TRUDEAU, D. (1992). *Les inventeurs du bon usage (1529-1647)*. Paris: Minuit.
- TRUDGILL, P. (1995). *Sociolinguistics — An Introduction to Language and Society*. Harmondsworth: Penguin.
- VAL, M. DA G. C. (1991). *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- VALLE, J. DEL; GABRIEL-STHEEMAN, L. (orgs.). (2004). *La batalla del idioma — la intelectualidad hispánica ante la lengua*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert.
- VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (1999). *Vygotsky — uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola.
- VARRÃO, M. T. (1990). *De lingua latina*. Barcelona/Madrid: Anthropos/Ministerio de Educación y Cultura.
- VASCONCELOS, C. M. DE (1914). *A saudade portuguesa*. Porto: Renascença Portuguesa.
- VASCONCELOS, C. M. DE (1946). *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal.
- VASCONCELOS, J. L. DE (1966). *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VÁZQUEZ CORREDOIRA, F. (1998). *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano — o galego como exemplo a contrario*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- VÁZQUEZ CUESTA, P.; LUZ, M. A. M. (1971). *Gramática portuguesa*. Madrid: Gredos.
- VENDYRES, J. (1921). *Le Langage — introduction linguistique à l'histoire*. Paris: La Renaissance du Livre.
- VIARO, M. E. (2004). *Por trás das palavras — manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo.
- VIARO, M. E. (2011). *Etimologia*. São Paulo: Contexto.
- VIGOTSKI, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- VIGOTSKI, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- VILELA, M.; KOCH, I. V. (2001). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- VILLORO, LUIS (2007). *El concepto de ideología*. México: Fondo de Cultura Económica.
- VOLOŠINOV, V. N. (1973). *Marxism and the Philosophy of Language*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- WALD, B. (1987). Swahili and the Bantu Languages, in COMRIE, B. (org.). *The World's Major Languages*. London: Routledge.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.
- WILLIAMS, E. B. (1994). *Do latim ao português — fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- WITTGENSTEIN, L. (1975). *Investigações filosóficas*. Os Pensadores, vol. XLVI. São Paulo: Abril.
- WRIGHT, R. (1989). *Latín tardío y romance temprano en España y la Francia carolingia*. Madrid: Gredos.
- YAGUELLO, M. (1988). *Catalogue des idées reçues sur la langue*. Paris: Seuil.
- YOUNG-BRUEHL, E. (1996). *The Anatomy of Prejudices*. Cambridge: Mass., Harvard University Press.
- ZAMORA VICENTE, A. (1996). *Dialectología española*. Madrid: Gredos.
- ZILLES, A. M. S. (org.) (2005). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS.

índice de assuntos

A

abdução 76, 405

Abissínia 86

ablativo 260, 261, 594, 701, 803, 837, 843, 855, 925

aborígenes 94, 93, 96

absolutivo 621, 622, 623, 627, 628, 634, 635, 655, 701, 921, 962, 992, 993, 994

abundante 533, 642, 643, 802

academias de língua 126, 380, 383

acento tônico 295, 545, 553, 764, 837, 951

Acordo Ortográfico 369, 382, 383

açorianos 340

acusativo (caso) 84, 130, 142, 155, 259, 260, 261, 262, 264, 284, 285, 447, 593, 594, 595, 597, 600, 602, 621, 622, 630, 631, 633, 664, 665, 678, 684, 688, 701, 707, 724, 725, 747, 766, 768, 775, 777, 789, 803, 807, 855, 884, 918, 919, 979, 992

adjetivo 68, 92, 102, 108, 173, 179, 183, 190, 256, 263, 283, 284, 286, 321, 345, 407, 409, 416, 423, 435, 437, 441, 442, 443, 448, 490, 493, 502, 533, 554, 580, 601, 614, 615, 642, 658, 659, 664, 666, 667, 669, 670, 671, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 682, 683, 686, 687, 688, 689, 693, 697, 703, 705, 706, 707, 713, 722, 723, 724, 725, 726, 740, 775, 814, 829, 835, 837, 838, 839, 840, 843, 848, 859, 885, 886, 893, 895, 898, 900, 964, 998

adstrato 134, 217

advérbio 108, 154, 167, 175, 179, 180, 183, 184, 190, 282, 396, 416, 417, 421, 435, 437, 442, 443, 448, 488, 490, 525, 526, 531, 574, 592, 606, 608, 624, 636, 641, 654, 657, 658, 659, 660, 665, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 677, 680, 684, 686, 687, 713, 724, 731, 732, 741, 792, 794, 816, 828, 829, 832, 835, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 844, 846, 847, 848, 849, 851, 859, 863, 864, 865, 883, 885, 886, 889, 890, 891, 899, 927, 928, 960, 962, 991, 992, 1006

Afeganistão 277, 611, 741

aférese 296, 838, 974

afetividade 349, 492, 530, 584, 590, 591, 592, 593, 637, 839

África 44, 85, 86, 87, 89, 92, 140, 163, 178, 209, 210, 211, 217, 228, 346, 360, 362, 363, 420, 441, 688, 703, 740, 968

África do Sul 163, 178

Afro-American Vernacular English 15, 146

agency 64

agente da passiva 473, 581, 917

aglutinação 160, 164, 184, 296, 442, 645, 647, 734, 781

Albânia 362

alçamento de vogais 138, 303, 318, 380, 397

Alemanha 53, 54, 85, 87, 141, 235, 361, 372, 387

Alentejo 77

Alexandria 44, 116, 117, 343, 346, 360, 420, 421, 889

alfabetização 176, 324, 379, 387, 388, 389, 392, 394, 395

alfabeto 159, 233, 277, 358, 359, 361, 362, 363, 364, 367, 368, 369, 371, 373, 377, 382, 401, 402, 422

alfabeto árabe 362, 363, 382

alfabeto cirílico 358, 359, 361, 362, 373

alfabeto etrusco 363, 402

alfabeto glagolítico 361

alfabeto latino 159, 358, 359, 361, 362, 363, 367, 368, 369, 371, 402

Amazônia 77, 751, 879

ambiente fonético 130, 386

América 87, 110, 210, 228, 272, 610, 828, 968, 1006

América Latina 110, 828

anacronismo 858

anáfora 432, 455, 457, 458, 459, 460, 461, 463, 470, 472, 475, 560, 657, 846, 918, 967

anáfora-zero 459, 461, 470, 472, 475, 560, 657, 967

analfabetismo 389

análise da conversação 60

análise do discurso 60, 82

análise vs. síntese 445

analogia 69, 89, 147, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 307, 321, 330, 353, 397, 405, 487, 520, 528, 536, 543, 612, 613, 650, 708, 721, 752, 765, 769, 837, 951

analogistas 413, 414, 415

anamnese 49

anaptixe 296

Andaluzia 218

Angola 210, 211, 238, 240, 389, 642

Ano Bom 177, 209, 212

anomalistas 413, 414, 415

Antilhas Holandesas 212

antropologia linguística 60, 82

Apalaches 84, 133

apócope 148, 154, 155, 264, 286, 301, 303, 308, 328, 329, 335, 386, 396, 686, 837, 888
 apofonia 256, 270, 273, 274, 276, 279, 280, 283, 301, 338, 411, 549, 554, 665
 aposição 855
 apossíncise 252, 741
Appendix Probi 312, 527
 apresentacionais (verbos) 609, 620, 621, 624, 626, 627, 628, 634, 651, 962, 963, 992, 993
 Apúlia 203
 Aragão 219, 225
 arbitrariedade do signo 188, 410
 Argélia 86, 360
 Argentina 407, 486, 551, 580, 666, 909
 argumento 515, 516, 614, 621, 666, 669, 406, 407
 armênio 277, 611
 arquétipo 50, 244
 artes liberais 426, 427
 Artigo 87
 artigos 68, 89, 90, 101, 164, 166, 173, 174, 182, 241, 260, 308, 415, 416, 417, 419, 420, 421, 425, 426, 433, 435, 446, 460, 569, 652, 677, 734, 735, 740, 776, 777, 779, 780, 781, 782, 817, 856, 907, 908, 970, 974
 ascensão social 77, 83, 129, 197, 252, 498, 936, 947, 948
 aspecto verbal 547, 548, 549, 553, 956, 972
 aspiração 46, 149, 150, 159, 160, 306, 307, 327, 339, 924
 assibilação 299
 assimilação 150, 151, 152, 299, 393, 611, 751, 769, 778, 781, 793, 794, 837, 892, 951
 Atenas 30, 44, 346, 406, 413, 414, 420, 440
Atlas linguístico do Brasil 245
Atlas prévio dos falares baianos 246, 1022
 Austrália 93, 94, 688, 790, 855
Autotelês lógos 422, 423, 424
 auxiliar (verbo) 167, 177, 180, 196, 447, 491, 492, 551, 574, 575, 578, 579, 581, 595, 603, 604, 606, 609, 618, 646, 705, 720, 725, 726, 762, 763, 764, 817, 818, 956, 990, 998
 avaliação 29, 43, 105, 117, 132, 133, 173, 193, 194, 341, 383, 389, 548, 566, 629, 722, 840, 936, 945, 946, 953, 955, 989, 995, 997, 999

B

bactérias 69, 71
 bandeirantes 229, 231
 Bélgica 85
 behavioristas 124
 beneficiário 441, 453, 486, 517, 525, 535, 854, 868
 Berlim 54
 betacismo 366
 Bíblia 95, 126, 372, 377, 554, 570, 798, 968
 Bíblia de Gutenberg 372
 Biblioteca de Alexandria 117, 343, 420, 421
 Black English Vernacular 15, 146
 braquilogia 730, 732, 733, 898

Brasília 11, 122, 169, 252, 325, 341, 492, 617, 628, 648, 706, 723, 816, 821, 854, 916, 945, 961, 974
 budismo 42

C

Cabo Verde 142, 209, 210, 211, 212, 213
 Calábria 203
 cambojanos 235
 Casamansa 211
 caso 27, 55, 90, 107, 119, 120, 125, 126, 128, 133, 137, 138, 139, 142, 149, 150, 152, 154, 155, 157, 161, 163, 164, 165, 166, 174, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 190, 193, 197, 198, 206, 208, 211, 217, 234, 241, 243, 244, 256, 259, 260, 261, 262, 264, 266, 270, 271, 274, 285, 294, 296, 298, 300, 306, 307, 310, 311, 315, 322, 326, 328, 329, 330, 335, 336, 339, 348, 367, 368, 369, 370, 372, 373, 375, 378, 381, 383, 385, 387, 395, 414, 415, 418, 419, 420, 434, 438, 441, 442, 460, 462, 463, 469, 470, 472, 475, 481, 492, 501, 514, 516, 522, 528, 529, 531, 534, 535, 536, 544, 548, 549, 553, 556, 564, 565, 583, 584, 586, 588, 591, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 600, 601, 602, 606, 608, 618, 620, 621, 622, 623, 628, 630, 631, 634, 635, 636, 639, 643, 650, 651, 652, 654, 655, 657, 658, 659, 660, 665, 666, 668, 669, 671, 672, 674, 675, 677, 678, 679, 681, 684, 686, 687, 690, 700, 701, 702, 704, 706, 708, 710, 712, 713, 716, 717, 719, 722, 730, 731, 732, 733, 738, 749, 753, 755, 758, 759, 768, 770, 776, 778, 786, 789, 796, 797, 799, 806, 809, 812, 813, 814, 816, 818, 820, 821, 826, 834, 837, 839, 841, 843, 844, 847, 854, 855, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 871, 872, 874, 875, 876, 878, 885, 886, 896, 897, 898, 910, 911, 913, 915, 921, 922, 924, 927, 938, 939, 944, 949, 951, 959, 963, 964, 971, 973, 977, 979, 989, 991, 992, 993, 994, 997, 1006, 1007, 1008
 caso lexicogênico 259, 260, 261, 684
 caso oblíquo 260, 583, 584, 597, 753, 759, 770, 875
 caso reto 161, 241, 260, 261, 419, 536, 597, 600, 731, 816, 876, 991, 1006
 caso sintático 90, 260, 516, 586, 622, 700, 786, 796, 921, 922
 Castela 218, 219, 220, 221
 catáfora 460, 461, 846
 catáfora-zero 461
 Cáucaso 118, 277
 causativo/sensitivo (verbo) 536, 595, 602
 Ceilão 54
 China 118, 209, 210, 212, 277, 363, 389, 520, 574, 583, 649, 740, 787, 963, 969
 cidade vs. campo 248
 classe baixa 950
 classe média 122, 197, 235, 236, 250, 498, 743, 911, 949, 950
 classe média alta 950
 classe média baixa 949, 950

Índice geral

AGRADECIMENTOS	11
AVISO AOS NAVEGANTES.....	13
ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....	15
SÍMBOLOS FONÉTICOS	16
INTRODUÇÃO: Gramática: a quem será que se destina?	19
Um roteiro de estudos	23
Por que esse livro.....	25
O que ensinar na escola	28
O não ensino da norma-padrão	31

LIVRO I: EPISTEMOLOGIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

1. A CAVERNA IMPLODIDA - por uma concepção não platônica de língua	37
1.1 Platão.....	38
1.2 Platonismo na linguística: gramática tradicional.....	42
1.3 Platonismo estruturalista: Saussure	44
1.4 Platonismo gerativista: Chomsky.....	47
1.5 Volóshinov: contra o dualismo na linguagem	55
1.6 O resgate do discurso	59
1.7 Breve crítica à sociolinguística variacionista.....	62
1.8 Ontogenia e filogenia.....	65
1.9 A palavra <i>evolução</i>	67
1.10 Mais uma distorção: Comunicar é o que importa	74
1.11 A concepção de língua dessa gramática	76
2. O DEVANEIO DA LÍNGUA PRIMITIVA - colonialismo, racismo e preconceito linguístico	81
2.1 O colonialismo e seu festival de horrores	85
2.2 A pseudociência das línguas primitivas	88
2.3 A discriminação e o preconceito linguísticos	96
3. DE LÍNGUA MATERNA A LÍNGUA PATERNA - do vernáculo à normatização....	99
3.1 O vernáculo na sociolinguística.....	102
3.2 O vernáculo brasileiro.....	104

3.3	A língua que essa gramática descreve	108
3.4	Por que <i>português brasileiro</i> ?	109

LIVRO II: HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

4.	NADA SERÁ COMO ANTES - A MUDANÇA LINGUÍSTICA	115
4.1	Concepções da mudança linguística ao longo do tempo.....	115
4.1.1	<i>Visões tradicionais da mudança</i>	115
4.1.2	<i>Visões científicas da mudança</i>	117
4.1.3	<i>Diacronia na sincronia</i>	121
4.2	Mudança linguística: um processo sociocognitivo	123
4.3	Fatores sociais e mudança linguística	125
4.3.1	<i>Forças centrípetas: as instituições sociais</i>	125
4.3.2	<i>Forças sociais centrífugas: a variação</i>	128
4.3.3	<i>Forças sociais centrífugas: o contato linguístico</i>	133
4.3.4	<i>Causas de contato: a conquista</i>	133
4.3.5	<i>O substrato céltico</i>	134
4.3.6	<i>Causas do contato: a colonização/escravização</i>	139
4.3.7	<i>O contato linguístico na formação do português brasileiro</i>	144
4.4	Fatores sociocognitivos e mudança linguística	146
4.4.1	<i>A economia linguística</i>	147
4.4.2	<i>A gramaticalização</i>	170
4.4.3	<i>A analogia</i>	188
4.5	A efetivação da mudança linguística	193
4.5.1	<i>De baixo para cima</i>	193
4.5.2	<i>Coisas da juventude</i>	194
4.5.3	<i>Da fala para a escrita</i>	195
4.5.4	<i>Será que é mesmo assim?</i>	196
4.6	Conclusão	198
5.	DO GALEGO AO BRASILEIRO - história da nossa língua	201
5.1	O grupo português no conjunto das línguas românicas.....	202
5.2	Os romanos na Península Ibérica: latim clássico vs. latim vulgar.....	204
5.3	De novo, o contato linguístico.....	206
5.4	As línguas do grupo português.....	209
5.4.1	<i>Amostras de algumas línguas do grupo</i>	213
5.5	História linguística da Península Ibérica	214
5.6	O português não vem do latim	221
5.6.1	<i>Características do galego moderno</i>	227
5.7	Brasil: línguas indígenas	228
5.8	Brasil: as línguas africanas.....	235
5.9	A questão da “língua brasileira”	243
5.10	A realidade sociolinguística do PB: da polarização à nebulosa.....	248
5.11	A reação à democratização das relações sociolinguísticas.....	251
6.	RAÍZES DESTERRADAS - formação do léxico português	255
6.1	Herança pré-romana	257

6.2	Herança latina: acusativo, o caso lexicogênico	259
6.3	O gênero dos substantivos: desaparecimento do neutro	262
6.4	Adjetivos	263
6.5	Relatinização, convergência e divergência	264
6.6	Empréstimos e estrangeirismos.....	266
6.7	Herança latina: os prevérbios.....	268
6.8	Infixo nasal	275
6.9	Raízes enterradas no tempo	276
6.9.1	<i>Falamos indo-europeu?</i>	276
6.9.2	<i>Dando o que falar</i>	279
6.9.3	<i>Espelho, espelho meu!</i>	281
6.9.4	<i>Todos juntos agora!</i>	282
6.9.5	<i>A família do rei</i>	283
6.9.6	<i>Nosso código genético</i>	284
6.9.7	<i>O selo, o sino e a senha</i>	287

LIVRO III: MULTIMÍDIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

7.	Os sons e os séculos - fonologia da nossa língua	291
7.1	Vogais e consoantes	292
7.2	Acento tônico	295
7.3	Metaplasmos	295
7.3.1	<i>Metaplasmos por acréscimo</i>	296
7.3.2	<i>Metaplasmos por supressão</i>	296
7.3.3	<i>Metaplasmos por transposição</i>	297
7.3.4	<i>Metaplasmos por transformação</i>	297
7.3.5	<i>Quadro-síntese dos metaplasmos</i>	301
7.4	Vocalismo	301
7.5	Consonantismo	305
7.6	Do português europeu ao português brasileiro	314
7.7	Vocalismo brasileiro	316
7.8	Consonantismo brasileiro	323
7.9	Metaplasmos brasileiros	327
7.10	A sílaba no português brasileiro	330
7.11	O sotaque e seu papel cultural	338
8.	Ruídos & rabiscos - LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA	343
8.1	A falácia clássica	343
8.1.1	<i>Dois pressupostos falsos</i>	345
8.1.2	<i>O hibridismo inevitável</i>	346
8.1.3	<i>Outra polarização falaciosa</i>	350
8.1.4	<i>A confusão de escrita com ortografia</i>	352
8.1.5	<i>Outra confusão: língua escrita = norma-padrão</i>	354
8.1.6	<i>A ortografia não faz parte da língua</i>	356
8.1.7	<i>Consequências da falácia</i>	356
8.2	O alfabeto	358
8.2.1	<i>Um pouco de história</i>	358

8.2.2	O alfabeto latino da primeira à última letra	363
8.2.3	O alfabeto latino, seus diacríticos e seus dígrafos	368
8.3	A ortografia	371
8.3.1	A imprensa e a Reforma	371
8.3.2	Idiossincrasias ortográficas	372
8.4	A ortografia do português	377
8.5	O novo Acordo Ortográfico e a desnecessária polêmica	382
8.6	Mitos em torno da ortografia	384
8.7	Como tratar os erros de ortografia	390

LIVRO IV: LEXICOGRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

9.	UM PRESENTE DE GREGO - HISTÓRIA DAS CLASSES GRAMATICAIS	401
9.1	A palavra 'gramática'	403
9.2	O lugar da linguagem na filosofia grega	404
9.3	O cérebro humano não é um computador	404
9.4	Platão: <i>ónoma</i> e <i>rhēma</i>	405
9.5	Substância e acidente	407
9.6	Aristóteles, o filósofo com os pés no chão	409
9.7	Origem do termo 'sujeito'	410
9.8	A noção de objeto	411
9.9	Estoicos	412
9.10	Analogia vs. anomalia	413
9.11	Contribuições estoicas à teoria gramatical	415
9.12	A gramática tradicional é a gramática da língua grega	416
9.13	A noção de caso	418
9.14	Os alexandrinos e a gramática tradicional	420
9.15	<i>Autotelēs lógos</i> : o dogma da frase autossuficiente	422
9.16	Roma conquista a Grécia, e vice-versa	425
9.17	A gramática latina	425
9.18	As sete artes liberais	426
9.19	A gramática como fim em si mesma	428
9.20	Conclusão	428
10.	UNIVERSAIS E BRASILEIROS - conceitos importantes para entender a gramática	431
10.1	Lexicogramática	432
10.2	A oposição verbo-nominal	440
10.3	Análise vs. síntese	445
10.4	Sintagma e paradigma	448
10.5	Uma questão de ordem	453
10.6	Dêixis e anáfora	455
10.7	Proformas	461
10.8	Pronome não é classe, é função	462
10.9	Sujeito pleno e objeto nulo	466
10.9.1	A vitória do sujeito pleno	466

10.9.2 A vitória do objeto nulo	470
10.10 Topicalização	472
10.10.1 Construções de tópico	472
10.10.2 Tópico versus sujeito?	473
10.11 Marcação e não-marcação	476
10.12 Sintaxe, semântica, pragmática	481
10.13 Gramaticalização	487
10.14 O que é o português brasileiro	493
11. AS PALAVRAS, AS COISAS E AS NÃO-COISAS - características lexicogramaticais do português brasileiro	495
11.1 Sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira	502
11.2 A classificação proposta nessa gramática	503
12. NO PRINCÍPIO ERA... - o verbo	507
12.1 Definição de verbo	508
12.2 O verbo no ensino de língua	509
12.3 Propriedades funcionais do verbo	512
12.4 Sintagma verbal, transitividade e valência	513
12.4.1 O sintagma verbal	513
12.4.2 Valência verbal	514
12.4.3 Transitividade e discurso	516
12.5 Complementos verbais	517
12.6 Regência verbal	519
12.6.1 Mudanças históricas na regência verbal	519
12.6.2 Regências prescritivas, regências descritivas	522
12.7 Mudanças de transitividade	527
12.7.1 De transitivo indireto para direto	527
12.7.2 De transitivos indiretos para diretos	528
12.7.3 O caso do verbo preferir	531
12.7.4 O caso do verbo visar	534
12.7.5 O caso do verbo permitir	535
12.7.6 Construções verbais das variedades urbanas de prestígio do PB	537
12.8 A conjugação verbal no português brasileiro	539
12.8.1 Monitoramento estilístico	540
12.8.2 A economia linguística em ação	541
12.8.3 A conjugação "clássica"	542
12.9 Verbos regulares e irregulares	543
12.9.1 História das conjugações	544
12.10 Categorias semânticas do verbo	547
12.10.1 O aspecto verbal	547
12.10.1.1 Tipologia do aspecto verbal	549
12.10.1.2 Verbos incoativos	553
12.10.2 Modo	555
12.10.2.1 O modo condicional	556

12.10.2.2 O modo subjuntivo.....	560
12.10.2.3 O modo imperativo	566
O IMPERATIVO AFIRMATIVO	566
O IMPERATIVO NEGATIVO	570
12.10.2.4 Verbos modais.....	572
12.10.3 <i>Tempo</i>	574
12.10.4 <i>Voz</i>	580
12.10.4.1 Formação da voz passiva.....	581
12.10.4.2 A voz reflexiva.....	583
12.10.4.3 A voz média	584
12.10.4.4 A ergatividade no PB	586
12.10.4.5 Clivagem e <i>ter</i> + particípio passado	589
12.11 A expressão da afetividade.....	590
12.11.1 <i>Esquecer e lembrar</i>	591
12.11.2 <i>Custar e faltar</i>	592
12.11.3 <i>Conclusões da reanálise</i>	593
12.12 Verbos causativos e sensitivos.....	593
12.12.1 O <i>sujeito acusativo</i>	593
12.12.2 Os <i>verbos causativos</i>	594
12.12.3 O <i>uso do nominativo no PB</i>	595
12.12.4 <i>Mais sujeito, menos objeto</i>	596
12.12.5 <i>Outros verbos causativos/sensitivos no PB</i>	597
12.12.6 <i>Análise sintática das construções causativas/sensitivas no PB</i>	600
12.13 Verbos auxiliares.....	603
12.13.1 <i>Estar e ir</i>	603
12.13.2 <i>Verbos auxiliares no PB</i>	604
12.13.3 A <i>história do verbo haver</i>	606
12.13.4 A <i>história de ser e estar</i>	609
12.13.4.1 Pré-história de <i>ser</i> e <i>estar</i>	610
12.13.4.2 <i>História de ser</i>	611
12.13.4.3 <i>Ser e estar</i> como verbos copulativos	613
12.13.5 <i>Ser e estar como auxiliares</i>	614
12.13.6 <i>História do verbo ir: sincretismo ibérico</i>	615
12.13.6.1 <i>História do verbo ir: sincretismo em outras línguas românicas</i> ..	616
12.13.8 <i>Gramaticalização de ir</i>	617
12.13.9 <i>Usos de ir como auxiliar</i>	618
12.13.10 <i>Regência de ir</i>	619
12.14 Verbos existenciais ou apresentacionais.....	620
12.14.1 O <i>caso absoluto</i>	621
12.14.2 O <i>absolutivo com o verbo ser</i>	623
12.14.3 <i>Características dos verbos apresentacionais</i>	624
12.14.4 <i>Expressões locativas e verbos apresentacionais</i>	624
12.14.5 O <i>verbo apresentacional ter</i>	625
12.14.6 <i>Concordância dos verbos apresentacionais</i>	626
12.14.7 <i>Incoerência e hipercorreção</i>	627
12.14.8 <i>Definição das sentenças apresentacionais</i>	628
12.14.9 O <i>verbo existir</i>	628
12.15 Verbos inacusativos	630
12.15.1 Os <i>inacusativos no PB</i>	630

12.15.2	<i>A topicalização e o ensino de língua</i>	632
12.15.3	<i>Inacusativos e concordância</i>	634
12.16	Verbos-suporte	635
12.16.1	<i>Função dos verbos-suporte</i>	636
12.16.2	<i>Adequação de registro</i>	637
12.17	O falso “gerundismo”	639
12.18	Concordância verbal	641
12.18.1	<i>Redundância e tautologia</i>	642
12.18.2	<i>A navalha de Occam</i>	643
12.18.3	<i>O impacto de você</i>	645
12.18.4	<i>Concordância e gramaticalização</i>	645
12.18.5	<i>Regra geral?</i>	647
12.18.6	<i>A concordância como processamento cognitivo</i>	648
12.18.7	<i>Erros mais errados do que outros?</i>	650
12.18.8	<i>Casos especiais: especiais para quem?</i>	651
12.18.9	<i>De novo uma questão de ordem</i>	651
12.18.10	<i>Uma regra geral</i>	655
12.18.11	<i>Um dos que</i>	656
12.19	O verbo como proforma: o provérbio	657
12.20	Gramaticalizações do verbo	657
13.	UMA ROSA É UMA ROSA É UMA ROSA - os nomes	663
13.1	Adjetivo ou advérbio?	670
13.1.1	<i>Advérbios flexionados</i>	672
13.1.2	<i>Incoerência normativa</i>	674
13.1.3	<i>Classes sem fronteiras</i>	675
13.2	Substantivos e adjetivos: unidos mas separados	677
13.2.1	<i>Gênero e número</i>	677
13.2.2	<i>Grau</i>	680
13.2.3	<i>Sufixo -vel</i>	684
13.2.4	<i>Sufixo -oso</i>	685
13.2.5	<i>Sufixo -ês/-ense</i>	686
13.2.6	<i>Modalização por meio de advérbio</i>	686
13.2.7	<i>Gênero inerente do substantivo</i>	687
13.2.8	<i>Mudanças de gênero gramatical</i>	689
13.3	O sintagma adjetival	693
13.4	Substantivo: conceito e definição	694
13.5	O sintagma nominal	697
13.6	Sintaxe do substantivo	700
13.7	Concordância nominal	702
13.8	Gramaticalização dos nomes	711
13.9	Pronomes e proadjetivos	713
14.	ENTRE DOIS AMORES - os verbinominais	715
14.1	Os verbinominais no português brasileiro	716
14.2	História e estórias dos participípios	717

14.3	Verbos abundantes	719
14.3.1	<i>Particípios e hipercorreção</i>	721
14.3.2	<i>O curioso caso de pego</i>	722
14.4	Gramaticalização dos verbinominais.....	723
14.4.1	<i>Nomes de uma vez por todas</i>	724
14.4.2	<i>Gramaticalização do particípio passado</i>	725
14.5	O paradoxal infinitivo flexionado	727
14.5.1	<i>Emprego do infinitivo flexionado</i>	727
14.6	<i>Para mim</i> + infinitivo	728
14.6.1	<i>Explicações para essa construção</i>	729
14.7	<i>De o</i> + infinitivo ou <i>do</i> + infinitivo?	733
15.	QUESTÕES PESSOAIS - os índices de pessoa	737
15.0	Quem é quem no discurso?	737
15.0.1	<i>O que são clíticos?</i>	740
15.1	Os índices da 1ª pessoa.....	743
15.1.1	<i>Sujeito</i>	743
15.1.2	<i>Objeto direto</i>	745
15.1.3	<i>Objeto indireto e complemento oblíquo</i>	745
15.2	Os índices da 2ª pessoa.....	746
15.2.1	<i>Sujeito</i>	747
15.2.2	<i>Objeto direto, indireto e complemento oblíquo</i>	753
15.3	Quem tem medo da “mistura de tratamento”?	756
15.3.1	<i>O fantasma da “mistura de tratamento”</i>	757
15.3.2	<i>A neutralidade de você</i>	759
15.4	Outro fantasma: a colocação pronominal	760
15.4.1	<i>Divertimento das elites</i>	760
15.4.2	<i>A regra única do PB</i>	761
15.5	Os desdobramentos de <i>lhe</i>	765
15.5.1	<i>O lhe de 2ª pessoa é sempre dêitico</i>	765
15.5.2	<i>Objeto indireto e também direto</i>	765
15.6	Os possessivos	767
15.6.1	<i>Origem dos possessivos</i>	768
15.6.2	<i>Novos possessivos</i>	769
16.	DE MONSTROS E DEMONSTRAÇÕES - os mostrativos	773
16.1	Um pouco de etimologia	775
16.2	De onde vieram esses monstros?	776
16.2.1	<i>Os mostrativos e suas funções</i>	779
16.3.	O artigo	779
16.1	<i>Origem do nome. História dos artigos</i>	779
16.3.2	<i>Não existem “artigos indefinidos”</i>	781
16.3.3	<i>Propriedades do artigo</i>	782
16.3.4	<i>Funções do artigo</i>	785

16.3.5 O não é “pronome demonstrativo”	791
16.4 Os demonstrativos	791
16.4.1 A trivisão clássica	791
16.4.2 Assimilação e compensação	793
16.4.3 Uma mudança bem implantada	794
16.5 Os pronomes de não-pessoa	796
16.5.1 Proformas da não-pessoa	796
16.5.2 Os possessivos da não-pessoa	801
16.6 As formas da indeterminação	803
16.6.1 O que se é, o que se pode	803
16.6.2 A reflexividade agramatical	808
16.6.3 O avanço do se-sujeito [+indet]	813
16.6.4 Coesão e coerência comprometidas	816
16.6.5 O verbo na não-pessoa do singular	818
16.6.6 O verbo na não-pessoa do plural	820
16.6.7 Eles	820
16.6.8 Termos genéricos	821
16.7 Outros mostrativos	822
17. TODOS, ALGUNS, NENHUM - Os quantificadores	825
17.1 Propriedades dos quantificadores indefinidos	826
18. SEMPRE CABE MAIS UM - Os advérbios	831
18.1 Classe ou função?	834
18.1.1 Uma classe (ou função) muito democrática	834
18.2 Advérbios propriamente ditos?	835
18.3 Invariáveis?	839
18.4 Escopo dos advérbios	839
18.5 Advérbios em <i>-mente</i>	841
18.6 As conjunções que são advérbios	843
18.7 Advérbios e discursivização	844
18.7.1 Então	845
18.7.2 Assim	846
18.7.3 Tipo	847
18.7.4 Aí	849
18.8 Proadvérbios	849
18.9 Advérbios interrogativos	850
19. PEQUENAS NOTÁVEIS - as preposições	853
19.1 A parlenda anacrônica	856
19.2 Muito mais preposições	857
19.3 Preposição ou advérbio?	864
19.4 Preposições pouco gramaticalizadas	865
19.5 A: uma preposição em declínio	867
19.6 O “a craseado” e seus problemas	871
19.6.1 Sugestão para o ensino do “a craseado”	874

19.7	Preposição e caso oblíquo.....	875
19.7.1	O caso de dentre.....	878
20.	Os NÓS E OS NEXOS - as conjunções e companhia ilimitada	881
20.1	Coordenação e subordinação	883
20.2	A hipotaxe adverbial.....	886
20.3	A correlação	886
20.4	A coordenação.....	888
20.5	A subordinação.....	892
20.5.1	Subordinadas substantivas	893
20.5.2	As subordinadas adjetivas	899
20.5.3	Sugestão para o ensino de cujo	906
20.5.3.1	Exame da tradição normativa	906
20.5.3.2	Constituição de um corpus	906
20.5.3.3	Coleta dos dados.....	907
20.5.3.4	Variantes mais frequentes no português brasileiro	908
20.5.4	Sobre o ensino dos demais pronomes relativos	910
20.5.5	Pronomes relativos e pronomes de não-pessoa.....	918
20.6	Topicalização e relativização	919
20.7	Interrogativos.....	923
20.8	Onde ou aonde? Tanto faz!	926

LIVRO V: DIDÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

21.	ERREI, SIM - a hipercorreção e suas consequências	933
21.1	A dupla face do erro	935
21.2	O lugar da escola no planeta Erro	936
21.3	Estudo de caso da higiene verbal: a reação a um livro didático.....	938
21.4	A hipercorreção: o que é e de onde vem?.....	949
21.5	Quando é que o erro existe?	951
21.6	Erro é o dos outros	952
21.7	O princípio sociocognitivo da hipercorreção	954
21.8	Algumas hipercorreções contemporâneas e seu lugar na escala social.....	955
21.9	Possuir.....	956
21.10	Encontrar-se.....	959
21.11	Onde	960
21.12	Concordância de <i>ter/haver</i> apresentacionais	962
21.13	Trata-se de.....	963
21.14	Particípios passados irregulares	965
21.15	O mesmo	966
21.16	Equívoco de análise de <i>o/a/os/as</i>	967
21.17	Vosso	968
21.18	O qual.....	969
21.19	O aspecto verbal durativo	972
21.20	Num, numa, nuns, numas.....	974
21.21	Duplas negativas	975



21.22	<i>Cujo o</i>	977
21.23	<i>Devido o</i>	978
21.24	<i>Mediante</i>	979
21.25	<i>Em síntese</i>	980
22.	O QUE (NÃO) ENSINAR NA ESCOLA - por uma educação linguística realista .	983
22.1	Verbos	986
22.1.1	<i>Conjugação verbal</i>	986
22.1.2	<i>Regência verbal</i>	987
22.1.3	<i>Verbos irregulares</i>	988
22.1.4	<i>Subjuntivo</i>	989
22.1.5	<i>Imperativo</i>	989
22.1.6	<i>Tempos verbais menos usuais</i>	990
22.1.7	<i>Voz passiva "sintética"</i>	990
22.1.8	<i>Verbos causativos e sensitivos</i>	991
22.1.9	<i>Uso adverbial de haver</i>	991
22.1.10	<i>Verbos apresentacionais e concordância</i>	992
22.1.11	<i>Verbos inacusativos e concordância</i>	993
22.1.12	<i>Concordância verbal: a ilusão da "regra geral"</i>	994
22.1.13	<i>Sujeito posposto e concordância</i>	995
22.2	Nomes	996
22.2.1	<i>Gênero dos substantivos</i>	996
22.2.2	<i>Número da palavra</i> óculos	996
22.2.3	<i>Concordância nominal</i>	996
22.3	Verbinominais	997
22.3.1	<i>Particípios abundantes</i>	997
22.3.2	<i>Para mim + infinitivo</i>	999
22.3.3	<i>De + o + sujeito de infinitivo</i>	999
22.4	Índices de pessoa	1000
22.4.1	<i>Primeira e segunda pessoas</i>	1000
22.4.2	<i>A falácia da "mistura de tratamento"</i>	1001
22.4.3	<i>Sintaxe dos clíticos no PB</i>	1001
22.4.4	<i>Possessivos da 2ª pessoa</i>	1002
22.5	Mostrativos	1003
22.5.1	<i>Demonstrativos</i>	1003
22.5.2	<i>Não-pessoa do discurso</i>	1003
22.5.3	<i>O pronome se</i>	1004
22.6	Advérbios	1005
22.6.1	<i>Advérbios flexionáveis</i>	1005
22.7	Preposições	1005
22.7.1	<i>Preposição a</i>	1006
22.7.2	<i>Preposição entre</i>	1006
22.8	Conjunções	1007
22.8.1	<i>Conjunção mas</i>	1007
22.8.2	<i>Queísmo e dequeísmo</i>	1007

22.9 Pronomes relativos	1008
22.9.1 <i>Emprego de onde/aonde</i>	1008
BIBLIOGRAFIA	1011
ÍNDICE DE ASSUNTOS	1024
ÍNDICE DE NOMES	1037
ÍNDICE GERAL	1042